

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador :
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interina : Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO VIII

MELGAÇO, 1 de Junho de 1954

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N. 72

No aniversário da «Voz de Melgaço»

UM jornal que se lança à clara luz do sol é sempre um risco, um jogo, cuja sorte depende do acolhimento dispensado pelos interessados, a quem se dirige. Se eles gostam e aplaudem, a existência está assegurada; se lhe voltam costas, o jornal morre.

«Voz de Melgaço» conseguiu, desde a primeira hora, pelo dinamismo da redacção, oportunidade dos assuntos ventilados, presença de todos os dias dos elementos mais apaixonados em cada freguesia pela solução dos seus problemas, simpatia e estima geral, que a obrigam a estar permanentemente em contacto com os desejos e aspirações, legítimos, das populações que defende.

Interpretando, assim, os desejos de todos, tornando-se porta-voz dos seus interesses, a todos levando os princípios — Deus, Pátria e Família — pôde alargar mais e mais a sua esfera de acção e tornar-se, para os que aqui vivem, estímulo e bandeira; para os de fora, em qualquer parte do mundo que se encontrem, saudade viva da Pátria, registo dos acontecimentos que se dão na terra de cada um, presença constante e insistente dos problemas e das aspirações do concelho e dos seus habitantes.

Porque tem feito jornalismo sério e atento aos superiores interesses locais, porque se bate com ardor pela propaganda das belezas e das riquezas de Melgaço, porque estreita os laços de amizade entre habitantes do concelho e filhos dele que mourejam por longe, porque traçou desde a primeira hora uma trajectória e a segue com fidelidade,

«Voz de Melgaço» pode agradecer a Deus os favores recebidos durante os anos de vida que já leva de existência e afirmar aos seus amigos, que são todos os melgacenses, que continuará a servir a Deus e à Terra, isto é Melgaço, e a secular tradição cristã que o moldou e lhe deu forma em tantos séculos de história.

Pois que seja por muitos anos.

por A. LUIZ VAZ

S U R S U M No aniversário de a «Voz de Melgaço»

«A Voz de Melgaço» ergue o seu estandarte e trabalha e luta nestas 18 risonhas e abençoadas freguesias; que tantas fazem a nossa adorada terra. E mais leva aos melgacenses esparsos pelos continentes, uma carta de amor.

«A Voz de Melgaço» é uma Família. Somos muitos, graças a Deus e à amizade e simpatia dos nossos amigos. Desde que o nosso jornal surgiu na arena, lutando por Deus, pela Pátria e pela Nossa Terra, quase não houve dores nem lágrimas desta nossa boa gente que não fossem nossas. Alegrias e dores — desta nossa terra — foram também nossas. Paremos um bocadinho e vamos recordar alguma coisa:

O MILHO: Lembramo-nos daquele terrível ano de fome. As

(Continua na 12.ª página)

Lavabo Manus Meas

Pelo D. r Abel Varela e Seixas

Alijamos as responsabilidades, lavamos as mãos, não nos auto-responsabilizamos!

Nesta vida de homens de jornais, pequenos ou grandes, com maior ou menor projecção, aparecem os casos mais variados, as questões mais complexas, os insultos, os anonimatos, as ameaças, as conversas

baratas de porta de café que nos exautoram do alto da sua sapiência, a zanga do leitor ou assinante que devolve a folha por não ter sido intercalado na secção de «fazem, ou fizeram anos», tudo afinal parte integrante da mesma actividade. E se estas coisas não existem, se não aparecem, é porque se entrou positivamente, na curva de declínio. Mas receber-se à distância, quase em estilo telegráfico, não um convite para esta ou aquela crónica, este ou aquele assunto, mas tão somente quatro palavras.

— «Que desejava para Melgaço?», e isto porque o jornal faz anos, não há dúvida que nos deixa desconcertados e a pensar que se voltou o feitiço contra o mago... Temos assim uma espécie de entrevista, e vamos portanto a ela, senhor jornalista.

— Na realidade e por

(Continua na 12.ª página)



P. e Artur d'Almeida, príncipe dos oradores e mimoso escritor

mais sentem e apreciam a leitura desse pequenino jornal. Se esse filho ausente nasceu na sede do concelho, é sempre com emotivo interesse que lê as notícias que se referem aos progressos, lutas, empreendimentos, realizações da sua Vila muito amada. Se a sua terra natal é aldeia, essas notícias chegam até ele como que impregnadas do ar das suas serras, perfume dos seus campos, do cantar das suas fontes.

São os costumes, as tradições, as festas, os bailados, as romarias, a igreja e a escola, as recordações mais queridas, toda essa encansadora policromia que passa na imaginação num recolhimento de sonho e de saudade. Sente na sua alma um fenómeno de telepatia, que o transporta aos lugares e lembranças dos dias mais felizes da sua vida. O jornal de província ama a sua terra. Apenas tem uma política: trabalhar e pugnar pelo eu em grandecimento.

Se às vezes nas suas colunas passam palavras de censura e crítica, não o faz por animosidade pessoal.

É somente para apontar necessidades, corrigir defeitos, estimular iniciativas e encorajar desfechos. Um Concelho não pode passar sem o seu jornal. Um concelho sem jornal é como uma flor sem aroma, uma ave sem gor

Pelo P. e Artur d'Almeida

É justificada a maneira jubilosa e festiva com que hoje «A Voz de Melgaço», se apresenta aos seus leitores. É o aniversário da sua fundação. Um jornal de província é sempre interessante, e útil pela sua feição regionalista. Nele vibra, refiletase, transpira toda a vida da terra em que nasce mos. É um jornal que fala ao coração. As suas notícias, às vezes tão pequeninas e de aparência insignificante, têm-se com o enlevo e carinho com que um filho lê uma carta de sua mãe. Ainda que modesto pela sua estrutura gráfica, é sempre proveitoso pela sua feição regionalista.

Os filhos ausentes da sua terra natal são os que mais sentem e apreciam a leitura desse pequenino jornal. Se esse filho ausente nasceu na sede do concelho, é sempre com emotivo interesse que lê as notícias que se referem aos progressos, lutas, empreendimentos, realizações da sua Vila muito amada. Se a sua terra natal é aldeia, essas notícias chegam até ele como que impregnadas do ar das suas serras, perfume dos seus campos, do cantar das suas fontes.

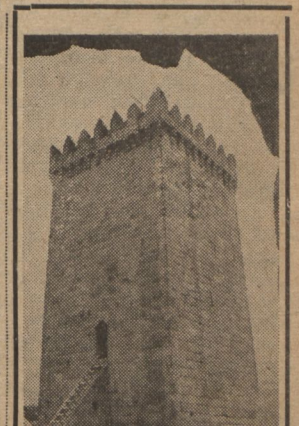
peios, uma pedra fina sem brilho.

Vive num mutismo tão desolador, sem ninguém que espalhe as suas belezas e encantos, as suas aspirações e direitos! Ajudem; pois, os nossos modestos e simpáticos jornalinhos. Não os deixemos morrer à míngua de recursos. A sua

(Continua na 2.ª pag.)



A NOSSA VILA, CHEIA DE BELEZA E FRESCURA



TORRE DE MENAGEM
Padrão de fé e patriotismo

No aniversário de Por Santa Rita a "Voz de Melgaço,"

(Continuação da 1.ª página)

vida é a vida, a força, o progresso da nossa terra. O grande tribuno António José de Almeida numa viagem oficial que fez ao Brasil como presidente da República, falou numa assembleia, onde estavam portugueses de todas as províncias de Portugal. O glorioso orador com tal magia e naturalidade retratou as suas terras natais, que, no final, estavam todos a chorar.

Melgaço bem merece o amor que lhe consagramos, porque são raras as terras que a igualem no encantamento das suas belezas panorâmicas. Na estrada de S. Gregório e na que vai da vila a Castro Laboreiro surgem a cada passo trechos de paisagem, que nos deslumbram e enfeitam pela sua variedade, colorido e originalidade. Uma terra também se notabiliza pelos seus monumentos. Melgaço possui dois que lhe dão uma nota de gaillardia e distinção: o castelo e a capela da Senhora da Orada. São dois monumentos importantes sobretudo pelo seu simbolismo. O castelo fala-nos do amor da Pátria, a capela da Orada do amor de Deus.

O castelo recorda-nos a Pátria ainda em gestação, lutando para se consolidar, a capela da Orada lembra-nos os heróis da Pátria de joelhos, a rezar, a pedir a Deus a força, a coragem, a bravura para as suas histórias.

Se Melgaço tivesse meios mais fáceis de comunicação e um hotel, onde o viajante encontrasse boa alimentação e aposentos confortáveis seria um grande centro de turismo. Não se diga que Melgaço não tem progredido; que tem estado parada, estagnada, no meio desse formidável movimento de melhoramentos que o Estado Novo tem realizado. Fazer uma tal afirmação é uma injustiça.

Eu fui colaborador do saudoso Hermenegildo Solheiro e sei muito bem o sacrifício, a paixão, o entusiasmo com que se dedicava ao progresso da sua terra.

O edificio dos Paços do Concelho, a luz eléctrica, o mercado municipal e tantas outras obras de vulto estão à vista de todos. Quem se não lembra

das lindas festas regionais que aqui se fizeram, a que assistiram as autoridades superiores do distrito e o povo de todas as freguesias que aclamava o benemérito presidente?

Melgaço agradecida quis perpetuar a sua memória, dando o seu nome a um dos largos principais desta vila. Hermenegildo Solheiro morreu, mas a sua obra não parou.

Continuou com o mesmo ardor no presidente

Continuou com o mesmo ardor no presidente que lhe sucedeu o Dr. João Durães. As suas realizações são importantes. A avenida em volta das muralhas, da sua autoria, que tornou a vila mais elegante e a asseada, é um melhoramento de valor. A acção não se limitou apenas à Vila. Estendeu-se também às freguesias rurais. Novos edificios escolares, caminhos, fontanários, de nunciam o seu dinamismo infatigável.

A freguesia de Penso, que estou a parquiar, de velhe um beneficio que nunca poderá esquecer. E a estrada do Pomar, que atravessa a freguesia numa extensão de quase dois quilómetros que transformou um chavascal lamacento e insalubre numa estrada airosa e higiénica. Falo apenas de Hermenegildo Solheiro e do Dr. João Durães porque fui um dos colaboradores nas câmaras a que presidiram.

Eu sei que há ainda muito a fazer: Novas estradas que sirvam as freguesias, abastecimento de águas, electrificação rural. Mas não esqueçamos que esses melhoramentos exigem despesas enormes, que excedem as possibilidades económicas dum câmara com pequenas receitas e que por isso só poderão fazer-se com a cooperação do Estado.

No entanto alguma coisa se tem feito, que denota progresso e vontade de bem servir.

Que a imprensa local continue a pugnar pelos progressos da sua terra e todos apreciem com amor e justiça os que trabalham pelo seu engrandecimento, são os votos muito sinceros dum filho adoptivo de Melgaço.

Artur de Almeida.

Mis denotivos

Aqueles 1 880 cruzeiros, de que uma leve carta de avião, leve e pesada, como vimos nos falou, trouxeram-nos aqui, nada menos que 1.000\$00. Já o dissemos mas gostamos de o repetir: é o produto de uma subscrição que no Rio de Janeiro, junto de sua família e alguns amigos, fez o António Mário Fernandes, de Corcões. — Vieram na altura própria, pois os artistas lá andam às voltas com a obra.

Contribuíram pois: António Mário Fernandes 200 crs., Maria de Jesus Esteves, 500 crs., Oswaldo Soares Bittencourt, 50 crs., Dilmar Fernandes, 50 crs., Umberto Amadeu de Melo, 100 crs., Armando de Oliveira, 10 crs., António Ferreira, 100 crs., D. Fernandes, 20 crs., Ena Fernandes Pupo 50 crs., Anónimo de Melgaço, 50 crs., Teresa Maria Sousa Freitas, 50 crs., Aryene Fernandes Ferro, 50 crs., Bento Gomes 50 crs., Maria Emilia da Silva Lopes, 100 crs., Mâncio Augusto de Sousa, 500 crs.

— Um lindo acafeite de rosas, que o Rio nos mandou. Que Santa Rita pague a todos.

José Augusto Cardoso mandou-nos uma carta ali dos lados de Gaia e perguntou se estamos zangados. Ora zangarmo nos nós. Nós que precisamos de toda a gente! Vieram 50\$00.

Da esposa do nosso amigo Sr. Lourenço, de Alvaredo, 100\$00: O Sr. Manuel M. Fernandes, do Porto, deu-nos 120\$00 (aqueles cavacos!)

De Riba de Mouro trazidos pelo nosso amigo Manuel J. Domingues, 7\$00. E lá dos Arcos, tirados pela sua mão ao pão que devia comer, trazidos pela D. Maria do Amaral, 1\$00.

De vários que quiseram pagar a telha transportada 24\$00

Do Sr. Manuel António Fernandes, da Igreja, mais 20\$00.

De uma Senhora Professora, a quem tanto devemos, mais, 100\$00.

De uma Senhora de Prado, que regressava no mesmo dia, de Africa, e filha do querido amigo Umberto, 50\$00. Graças a Deus!

Mas a jornada é ainda muito longa. Vamos já e vamos todos.

Os nossos queridos leitores estão já habituados a algumas notícias que periodicamente lhe vamos dando sobre Santa Rita. E de muitíssimos deles te



SANTA RITA

mos recebido grandes favores.

Esta formosa igreja que se levanta, muito perto do convento de Fiães, deve-se à generosidade, à simpatia de muitos dos nossos leitores, amigos e conterrâneos.

Aqui estão pedras, grandes e pequeninas, carreadas de todas as freguesias do concelho. Desde Castro Laboreiro, onde esta devoção cresce de dia para dia, até Penso, por essas formosas terras de Melgaço, a gloriosa Santa dos Impossíveis, Santa Rita, conta muitos, mesmo muitos, devotos e amigos.

Vai cobrir-se agora o Mosteiro. Uma a uma, lá foram subindo aquelas pedras, levadas pela mão firme de Mestre João. De pedras, e pelo que diz respeito ao Mosteiro, está, a bem dizer, tudo pronto.

Falta concluir a torre, uns 4 metros, onde descanará, como remate, dia e noite, pelos anos fora, uma cruz, que desejamos seja luminosa, para que de noite ali fique a espargir luz e calor.

Uma cruz luminosa, a apontar o Céu, no mosteiro de Santa Rita!

E nunca se pode pagar

a esta boa gente de Melgaço. Milhares de telhas que são precisas para cobrir o Mosteiro, para ali foram transportadas aos ombros pelos caminhos íngremes de Rouças, num percurso de cerca de 3 quilómetros.

Ali vimos mães com os filhinhos ao colo, e meninos e meninas, senhoras e cavalheiros, a face irizada do suor, os olhos, cheios de luz, de esperança, cansados, que o percurso é longo e agreste, depondo aos pés de Santa Rita aquela pesada e incómoda oferta.

Muitos devotos fizeram mais:—à sua oferta, juntaram o pagamento da telha oferecida.

Vimos muitos benfeitores de Prado, Vila, S. Paio, Chaviães.

O que isto representa de sacrifício, de beleza, de fé e de amor!

Mas e te milagre de Santa Rita é ainda recente.

A velha capelinha dessa pareceu. E ficaram nos muitas saudades. — Pois se ela, muda e queda, era a tesemunha viva de tantas lágrimas ali choradas, em vivo reconhecimento. (O ateu, o materialista grosseiro não calcula a fé, o amor, a doce alegria de umas lágrimas que pela face nos caem junto dos santos da nossa devoção).

Bem entendido que os santos, esses estão no Céu, mas, à maneira de retratos, uma imagem lembramos o protector que temos junto de Deus.

Pois tudo isto, que foi muito, não era quase nada.

A velha capelinha de Santa Rita apertava-se entre quatro estreitas paredes, mal alinhadas e toscas. Cobria-a docemente nas longas calmarias do verão, e abrigava-a das intempéries do inverno um carvalho secular, alto, ramalhal, frondoso.

Tudo passa.

E lá se foi o velho amigo, o carvalho gigante e

(Continua na 11.ª página)

Agência Funerária

de José Pereira Esteves

FERREIROS — PADERNE

Urnas ao preço da fábrica em todos os tipos

De Melgaço

MAIO, 25.

Reparos e Sugestões — Estamos chegados a mais uma época termal e muito naturalmente, mais uma vez, vamos assistir a esse espectáculo, verdadeiramente *shocking*, do transporte das carnes para os hotéis e pensões à cabeça de mulheres e outros meios de condução semelhantes, uns e outros nada edificantes.

Esta prática, além de repelente e anti-higiénica — e por isto mesmo — constitui um espantoso afugentador dos aquistas que, embora cientes de não obterem resultados tão positivos na cura, buscam termas de terras mais civilizadas para o seu tratamento hidroterápico.

Ai! não tenham dúvidas sobre estes reparos que nós também as não temos porquanto estas inconveniências nos foram mostradas, por mais duma vez, por ilustres aquistas que costumam honrar-nos com a sua visita.

O transporte das carnes só à Câmara deve competir. Já uma vez aqui sugerimos a conveniência que esta entidade tinha em adquirir uma viatura hipo ou motorizada para puder fazer tal como se faz em todas as terras civilizadas; mas, pelos vistos, pregaríamos no deserto. Não faz mal porque voltamos e voltaremos ao assunto, sempre que Deus no-lo permita. Até lá, porém, lembramos aos srs. hoteleiros que se imponham, que não consentam no fornecimento das carnes naquelas condições; pois, fazendo-o, defendem, além dos seus interesses, o bom nome de Melgaço.

O nosso Pastor — No próximo dia 5, em querendo Deus, há-de festejar mais um aniversário natalício o nosso zeloso Abade, rev. sr. P.e Justino Domingues, espírito culto e alma bondosa, cuja maior preocupação é bem servir a Deus e ao seu semelhante.

Quer espiritual, quer material, a obra que o rev. sr. P.e Justino realizou nestes dez anos incompletos em que pastoreia a freguesia é gigantesca. Da última, destacamos tão somente a reconstrução da residência paroquial, agora com instalações sanitárias, etc., etc., e o novo telhado da Matriz, obras verdadeiramente de envergadura. E não se fica por aqui a actividade do nosso dinâmico Abade, pois pensa já em transformar a sacristia velha numa capela para o S.S. Criação de Jesus, forrar a igreja e adquirir um painel de azulejo, representando o baptismo de Jesus Cristo, para o baptistério da mesma; aspirações que, sem dúvida, levará a bom termo com a ajuda dos seus fregueses que, como até aqui, lhe não regatearão o seu carinhoso auxílio.

Na passagem de mais este aniversário natalício do nosso mui rev. Abade, felicitamo-lo e rogamos a Deus para que tão feliz data se repita por largos anos.

Clamor de Riba do Moura — Segundo temos em «Voz da Nossa Terra», de 10 do corrente, este antiquíssimo Santo, vinha em romagem à Senhora da Orada, em cumprimento dum voto feito pelos moradores daquela freguesia, por ocasião da peste de 1569 (Peste grande), de futuro passa a ir ao Santuário de Santo António de Val-de-Poldros, da mesma freguesia, quebrando, assim, esta velha tradição.

Vila religiosa — Conforme noticiamos, em a nossa última carta, realizou-se no pretérito dia 13, na Matriz desta vila, uma brilhante festividade em honra de N. Senhora de Fátima que consistiu, como de costume, numa grandiosa procissão de velas na véspera e missa cantada no dia. Houve muitas comunhões, sobretudo de crianças; aí umas 120. A missa teve a assistência de 3 clérigos e foi abrilhantada pelo «Grupo Coral Feminino da Matriz» que, como sempre, não deixou nada a desejar.

— Também no domingo, dia 23, se celebrou na mesma igreja o Dia Mundial ou Cruzada de Orações das crianças pela paz. Constatou de missa, dialogada por elas, comunhão e, de tarde, Mês de Maria com exposição, cânticos e orações dialogadas. Todas as crianças manifestaram muito interesse, entusiasmo e devoção.

Rectificação — Em a nossa última carta, na notícia do falecimento da sr.a Felicidade Rodrigues (Veloso), que foi da Azeadura, subúrbio desta vila, por um lamentável «salto» tipográfico, não saiu o nome do marido da chorada extinta, mas tão somente a sua alcunha. Trata-se, portanto, do sr. António de Jesus Afonso, pessoa respeitabilíssima, cunhado do sr. prof. Abílio Domingues, a quem, mais uma vez, apresentamos os nossos sentidos pésames e pedimos desculpa da falta havida, falta que aliás foi involuntária.

Paços do Concelho — Vai de vento em popa a obra de restauração, e adaptação às actuais circunstâncias, do edificio dos Paços do Concelho, devendo a mesma ficar

Confessamos a Nossa Terra

LXXVII -- Melgaço e seus monumentos

Estamos chegados ao verão em que muita gente se desloca em gozo de férias ou a tratar da saúde em praias e termas. Uns procuram os ares do mar outros os ares da serra, e muitos gostam de sair da cidade e repousar na aldeia.

Melgaço é terra conhecida no mapa de Portugal. Já na escola, ao aprender os rios de Portugal, como çamos pelo Minho que nasce nos Montes Cantábricos e passa junto a Melgaço.

As águas do Peso são engarrafadas com o rótulo de Melgaço.

Para que hei de andar com tantos rodeios? Melgaço é terra tão conhecida que até há tempos li o episódio da visita ao Entre Douro e Minho e por D. Afonso Henriques que já não

conheceu Guimarães, Braga ou qualquer outra terra, apenas conheceu Melgaço.

Os leitores estão a que rer adivinhar o meu pensamento, mas enganam-se.

Afonso Henriques apenas conheceu Melgaço pela sua alta torre de menagem de resto teria muito que criticar o pouco cuidado havido com os monumentos através das gerações são o orgulho das tradições de um povo.

Melgaço ainda tem alguma coisa para mostrar a quem visita a sua terra.

Não sei se em Melgaço há alguma entidade encarregada do turismo local. Conviria que aos *passeantes* e aos frequentadores das águas do Peso se mostrasse aquilo que nós temos digno de nota pela sua antiguidade

de ou pela sua beleza.

Mas... os *mas* estragam tudo. De alguns sítios é bem que os afastem para não irem dizer mal, mal dos melgacenses e mal de outras entidades.

Se levarem os turistas a Paderne eles poderão admirar linda e artística obra românica da igreja sete vezes secular bem como uma artística imagem de Nossa Senhora em pedra. Ali se conservam relíquias dos Santos Mártires de Marrocos. Porém, que irão dizer das *Obras de Santa Engrácia* que nunca mais acabam, dos sinos pendurados em paus, de um cemitério inestético e comprimido?

En sítio conveniente da estrada de Paderne, talvez ali no cruzamento do Prado, era bom que se puzesse uma placa com o seguinte letreiro:

Trânsito proibido a turistas nos dias 3 e 18.

Porque razão? E' que nesses dias costuma haver nesso frente ao convento uma feira de gado e o resto não preciso explicar.

Será mais fácil colocar a placa de proibição do que mudar a feira para local mais apropriado?

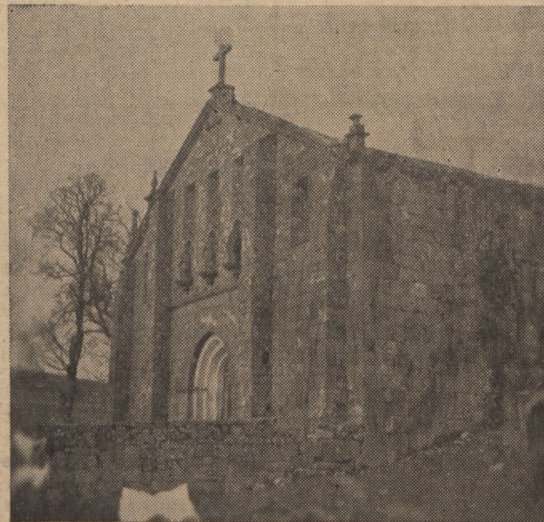
Na vila mostre-se o nosso castelo, isto é, a torre de menagem e seu recinto. Nos portões de entrada põha-se também uma legenda, pouco mais ou menos com estes dizeres: *portões provisórios, os definitivos estão a fazer.*

Levem-se à Senhora da Orada. Abra selhas a porta, entretenhem-se a admirar as belas arcarias do pórtico e a tentar decifrar a inscrição, mas não se caia na imprudência de levar os turistas ao redor da capela.

Naturalmente já na vila se mostrou aos turistas as igrejas Matriz e da Misericórdia. Levemos a Chaviães. A igreja, da entrada principal até ao arco cruzeiro, é de estilo românico, e Afonso Henriques, se lá for, deve reconhecê-la. Nos mapas de turismo do concelho já pode traçar-se o ramal de estrada que lá vai conduzir.

Mais uns escassos quilómetros e estamos em Paços. A sua igreja tem em capela lateral voltada ao exterior uma histórica imagem, em pedra, de Santa Ana. Estas nossas coisas antigas, ainda que pese a

(Continua na 4.a pág.)



Convento de Fiães em estilo românico, anterior à fundação da nacionalidade.

pronta no próximo mês de Outubro, prazo em que termina o contracto.

O tempo e a agricultura — Todo o *quarto crescente* foi de verdadeiro «Maio pardo» (do tal que obriga a comer cerejas ao borralho...) houve depois uns dias de sol e agora o tempo mostra-se novamente sombrio, com ameaças de chuva, o que muito virá prejudicar os vinhedos.

— Os campos estão vencidos, queremos dizer: estão praticamente lavrados.

— Aos interessados, lembramos que em Junho podem semente: — agriões, alfaços (próprios da época), beterraba para salada, cenouras, chicórias, couves diversas (especialmente bróculos), ervilhas (*), feijões (**), nabos (fim do mês (*)), rabanetes, salsa, etc.

— Prosseguem as sementeiras de milho e feijão nas terras fundas e nas mesmas ainda se pode plantar batatas.

— Sulfatagem, enxofração, sachas, mondas e regas frequentes.

— Capar os melões, alporcar os craveiros, e ceifar os centeios.

— Vigiem-se as colmeias e recolham-se os enxames novos.

Justino calmo e dia formoso.

(*) Onde não falté água para rega.

CONGRESSO MARIANO NACIONAL, Vamos para diante?

EM BRAGA PROGRAMA

(Conclusão do número anterior)

Dia 12, Sábado: A's 10 horas, Solene Pontifical na Sé Catedral, (Missas trina, em polifonia pela Schola, alternada em gregoriano, pelo povo), com a assistência dos Ex. mos Prelados e Entidades Officiais e Sermão — A's 17 horas, Sessão Solene de encerramento do Congresso Mariano Nacional — Repiques festivos dos sinos em todos os templos da Diocese em homenagem a Nossa Senhora da Conceição e anunciando a Grande Peregrinação Nacional ao seu Santuário do Sameiro no dia seguinte — A's 21:30, Procissão luminosa — (saí do Estádio) com Nossa Senhora do Sameiro — Vésperas solenes e Adoração nocturna pregada por um Prelado — Missas.

Dia 13, Domingo: Grande Peregrinação Nacional com a participação dos Ex. mos Prelados, Autoridades Cívicas e Militares, Grêmios, Sindicatos, Organismos da Acção Católica, Confrarias e Irmandades, Congregações Marianas, Pia's Unões Marianas e outras Associações Religiosas — Missa campal no Sameiro, com Alocução por um Prelado — Renovação da Consagração de todas as Dioceses Portuguesas ao Imaculado Coração de Maria — Inauguração dos Monumentos a S. S. o Papa Pio IX, ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora da Conceição, na grande Esplanada do Sameiro — Descerramento de uma Lápide comemorativa das Festas Marianas Centenárias Nacionais — Despedida da Virgem Imaculada do Sameiro.

Está garantido o acesso de todas as camionetas ao Sameiro, tendo a Polícia de Transito estudado convenientemente o problema, para que tudo decorra em ordem.

Conheçamos a nossa Terra

(Continuação da 3.ª página)

alguma gente, são de religião. Liga-se até S. Gregório, Porte das Várzeas e digamos ao turista: aqui principia Portugal desde há 800 anos.

Dali siga-se para Fiães, onde assentou um dos mais históricos mosteiros da nossa antiguidade. Explique-se ao visitante que o acesso pelos montes da Agueira é mais fácil e cómodo do que pelo caminho directo que vai da vila.

Subindo um pouco, ante a dificuldade que sentem as pessoas de sapatos lustrados, tentemos fazê-los desistirem de visitar Fiães. Aquilo é o que mais nos rebaixa. Que lhe vamos lá mostrar? Um corte colmaças onde eram os antigos claustros? A ninguém passe sequer pela ideia ensinar aos turistas a poesia dos últimos monges de Fiães que viram mãos vandálicas profanar o velho monumento. Isso seria um crime de lesa terra.

Desistindo de ir a Fiães onde o turista, apesar de tudo, poderia admirar as abobadas da capela-mor e capelas laterais em pedra a fugir para o ogival leve molo para Castro Laboreiro. A estrada está boa. De passagem ensinemos-lhe o Cubalhão ali se conserva uma histórica imagem de pedra. Os historiadores chamam

lhe de Nossa Senhora. O povo chama-lhe de Santa Ana. Digam que a voz do povo é a voz de Deus e que portanto, os historiadores devem laborar em erro. Ao passar em Lamas Mouro mostre-se, também a igreja onde se conserva ainda uma porta lateral em puro estilo romântico.

Depois... Castro Laboreiro, ex-concelho, terra histórica, com pobres ruínas de seu castelo inexpugnável. Admire-se a sua igreja do século XVIII, ultimamente restaurada, com seu adro ajardinado.

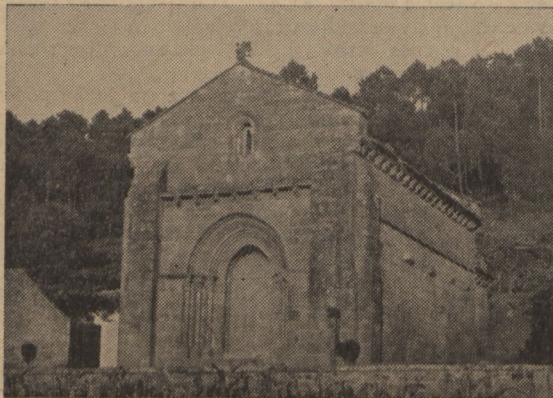
Mas quê? Que fios são

aqueles? É uma rede telefónica. Aqui também é Portugal. Quereis ver o antigo Pelourinho? Ele está metido em uma chaminé. O Sr. Abade sabe dizer e explicar.

Estamos a ver, o verão à porta e o turista ainda encontra coisas dignas de nota em Melgaço, umas de nota agradável outras desagradável.

Paisagens também Melgaço tem dignas de admiração, mas este já leva légua e meia e por isso fica para outros colaboradores.

P. M. A. Bernardo Pintor



Capela da Orada precioso monumento romântico

Triunfos ou derrotas?

Pedem-me duas palavras sobre a posição da nossa Terra dentro desta gloriosa Arquidiocese de Braga. Ou mais precisamente: — temos avançado, melhorado posições? Ou recuamos?

Não respondemos à pergunta e, antes, preferimos que o estimado leitor nos acompanhe e julgue. Nestes anos mais próximos houve em Melgaço dois acontecimentos religiosos de grande importância — o Congresso eucarístico de 1947 e a recepção a Nossa Senhora da Fátima em 1951. Será difícil que aqueles que tivemos a felicidade de organizar e de assistir a esse memorável acontecimento, o Congresso, ou possamos já mais esquecer. Deve-se a todos nós. Foi Melgaço inteiro que o fez e realizou.

Todas as freguesias, com seus rev. os párocos e povo estiveram nes-

sa memorável jornada da Orada à vila.

Que deslumbramento aquela procissão! E que cenário de maravilha — será difícil encontrá-lo superior aqui no norte desenrolado na estrada, bandeiras, cruces, galhardetes, opas, riquíssimos figurados de anjos. É sobretudo aquele destilado longo, de gente, respeitosa devota, cantando o seu terço, em plena estrada.

Melgaço foi uma autêntica revelação! — Aquele pontifical em plena praça com a assistência de Sua Ex. a Rev. ma o Sr. Arcebispo que desde a primeira hora não pôde esconder a Sua alegria, e o seu entusiasmo pelo desenrolar dos vários actos cívicos e religiosos. Vieram mais dois Senhores Bispos, o saudoso D. Agostinho de Jesus e Sousa preclaro bispo do Porto e o Senhor Bispo de Limira.

Ele não pode chegar de Roma a tempo Sua Ex. a Rev. ma o Senhor Bispo de Tuy. Veio sua veneranda Mãe e vieram alguns rev. os Capitulares desta cidade.

Na véspera, desde o Pernidelo por esses lugares abaixo, de monte em monte, de capelinha, em capelinha até ao Rio Minho que lindos fachos de luz. Dir-se-ia que era Melgaço inteiro abraçado no amor a Jesus Hóstia.

E foi.

A Câmara e o Povo, Desde Castro a Penso. Eramos muitos para cima de 10.000.

Na verdade, todo o concelho. E a nossa Terra era aquilo, crente, religiosa, entusiasta, ordeira.

Não pode esquecer-se o valioso auxílio monetário prestado nessa altura por muitas famílias melgacenses que tão largamente contribuíram para as despesas do Congresso. A todos aqui lembramos e sejam permitidos recordar, nunca é demais fazê-lo o queri o melgacense e amigo Senhor Hilário Ferreira importante industrial em B. lém Brasil que mandou 3.000\$00 e o Senhor P. e Armano Tito Domingues que no Rio conseguiu o envio de 3.000\$00 também, por Sua Rev. a tão largamente financiados.

Conosco esteve também nessa altura a figura prestigiosa de S. Ex. a o Senhor Governador Civil de Viana Dr. Azevedo Gomes.

Fez-se depois o Congres-

so em Monção. E nenhum arci-prestado mais, do Alto Minho, foi capaz de o realzar.

Melgaço cumpriu e bem.

Várias freguesias da Arquidiocese nos acompanharam e justo é destacar Ribadouro do Mouro com o seu pároco, nosso conterrâneo e amigo, o Sr. P. e Bernardo. S. Ex. a Rev. ma o Senhor D. Agostinho lembrou no Peso no brinde que então preferiu que uma coisa se aprendia de Melgaço em festa: a realização dos Congressos Eucarísticos regionais.

Dali a anos, começavam os vários concelhos da diocese do Porto a prestar colectiva e sucessivamente a suas homenagens a Jesus Hóstia, em lindos congressos: E nós lembramos do seu gentilíssimo brinde no Peso.

II — A VINDA DE N. SE. NHORA DA FATIMA

Foi em 1951.

A Arquidiocese toda inteira, vibrou de entusiasmo à excelsa Padroeira de Portugal. E toda a Arquidiocese lhe correspondeu exuberantemente.

Os vários concelhos por onde passara a veneranda Imagem da Senhora (que faríamos se não fosse ela!) desde as autoridades religiosas civis ao simples fiel fizeram o que de melhor se pode, organizar, lembrados todos que para Ela, tudo.

E a veneranda imagem passava, meiga, doce e bela.

De Penso até Melgaço, arcos em triunfo, os Rev. párocos e todo o seu povo.

Em Penso uma criança saudou a Virgem com lindos versos que o seu pároco em formosa hora de inspiração escrevera. Todos cantamos, rezámos e porque não dizê-lo?, choramos. Alvaredo, depois, o Peso e Prado. Ali estavam os Rev. párocos, a alma desta apoteose. E aqui, em Prado foi difícil organizar a procissão, mas aquela entrada na Vila ao cair da tarde, ao escurecer, com a Senhora em triunfo por entre cânticos, vivas e orações nunca mais pode esquecer.

Estudantes, legionários, funcionários públicos, comerciantes, guarda fiscal, operários, artistas, diplomados e por último um tur-

(Continua na 5.ª página)

VAMOS PARA DIANTE?

(Continuação da 5.ª página)

E de volta a Braga, Mon senhor Peixoto agradeceu a hospitalidade do bom povo de Melgaço e enalteceu as qualidades de zelo do bondoso clero de Melgaço.

— Tem-se trabalhado muito nas várias freguesias. E podemos constatar que as igrejas do arcebispo salvo raríssimas excepções, estão muito cuidadas, como de resto convém à Casa de Deus.

Penso gastou para cima de 20.000\$00. Alvaredo levantou a sua igreja, a casa paroquial e adquiriu o passal e ergue em outro local a capela de S. João Baptista. Paderne continua a restaurar o seu convento. Prado ergue a nova casa paroquial, repara a igreja e reforma as alfaias. Melgaço leva gastos 100.000\$00 com a igreja e residência paroquial. (O Sr. P. e Justino ensa em adquirir um pequenino passal para a freguesia). Chaviães em obras da igreja leva gastos uns 20.000\$00. Paços, faz várias obras na igreja, e restaura algumas alfaias. Cristoval levanta a capela do Facho e pensa num santuário a levantar em honra de N. Senhora de Fátima. Cresce de ano para ano o número deromeiros e naquele local de maravilha, que bem que há-de ficar o novo Santuário.

Fiaes adquiriu o passal, reformou a velha casa paroquial e vai fazer obras na Capela do Sagrado C. de Jesus da Adedela; reparou o soalho do convento e construiu algumas bancadas para uso dos fiéis.

Castro Laboreiro, pôde restaurar a velha igreja, reformar paramentos e vai construir nova casa paroquial. E' uma das igrejas, em que mais se tem gasto. Lamas, pequenina em fogos, lá vai trabalhar do sempre. Cubalhão leva gastos na casa e igreja uns 50.000\$00. Parada reformou a casa paroquial e a igreja. Couso adquiriu o passal e tem uma das igrejas mais lindas do arcebispo e bastantes alfaias novas. Gave levanta a nova casa paroquial e gastou uns 15.000\$00 em obras da sua igreja. Não val há muito levantou uma capelinha à Senhora da Guia na confluência dos montes dos Arcos, Monção e Melgaço. S. Paço que ainda no tempo do sr. P. e Raimundo levantou a nova igreja, reparou, melhorou e aumentou as capelas de Cavaleiro Alvo, S. to André e Barral, fez

reparações várias na igreja, a única que tem no concelho a Senhora de Fátima com os pastorinhos. Vai agora fazer a coroação. Rouças levanta, com a ajuda do povo e devotos do concelho, a igreja de Santa Rita e fez reparações na igreja, onde colocou o relógio da Torre. levando gastos uns 200.000\$00, em onze anos. Remoães vai fazer reparações na igreja, participadas pelo Es tado.

No geral, todas as igrejas do concelho apresentam um bom aspecto de limpeza e asseio.

Nos dias de preceito enchem-se as igrejas de fiéis e na desobriga quase todos cumprem o seu dever. O pároco ainda é a primeira entidade da freguesia, aquela que aponta a todos, como a cruz das suas igrejas, e dos campariários, o caminho do Céu.

São brilhantes as festas do concelho, sobressaindo aquelas que se fazem em honra de Maria Santíssima. Paderne, a Nossa Senhora do Rosário, como freguesia, é, talvez, a primeira do distrito; a festa de 13 de Maio no Facho; a de 15 de Agosto em Sante; a de N. Senhora da Cabeça na 3.ª feira de Páscoa em Penso a N. Senhora da Vista, em Fiaes; a de Nossa Senhora da Orada que oxalá em breve se restaure. Para só falarmos destas.

Melgaço continua sobre tudo a alimentar a sua grande devoção a N. Senhora da Peneda, a cuja novena e romaria tão largamente concorre.

São raríssimos aqueles que nesta abençoada terra morrem sem receberem os últimos sacramentos, e as devoções, as novenas, tríduos e missões sucedem-se em quase todas as freguesias.

E «A Voz de Melgaço» acompanhou-nos sempre.

L. DE C.

FAZ...

... no dia 4 quatro anos que faleceu, na Vila, a sra. Lúcia Fernandes;

... também faz no dia 9 quatro anos que se finou a sra. D. Maria Rosa Lourenço, chorada mãe do rev. sr. P. e Manuel Lourenço;

... e no dia 12 faz catorze anos que faleceu o sr. Arnaldo Guimarães.

Que respousem em paz.

PRADO, 25

AD MULTOS ANNOS!

COM o presente número, entra «A Voz de Melgaço» no seu nono ano de publicação; portanto, oito anos — oito anos de trabalhos, sacrificios e canseiras, em batalha contínua pela boa causa, trilhando esta nobilíssima, embora espinhosa, veda da Imprensa Regional — são já escoados pela áus tera ampulheta do Tempo sem que este lhe tenha al

Da nossa Casa

Dentro da grande família de «A Voz de Melgaço», assinantes, colaboradores, redactores, benfeitores e Amigos, que sem pre nos acompanharam nesta longa jornada, octo pa sem dúvida um dos primeiros lugares, pela sua amizade; pelo seu trabalho, pela sua dedicação, o Sr. P. e Justino Domingues, di



P. e Justino Domingues

gno Abade da vila de Melgaço.

Quase todos os nossos assinantes o conhecem pessoalmente, de irem a sua Casa, sempre acolhedora e carinhosa, levar o diário da sua assinatura. E sempre ali encontramos todos uma casa que parece o nosso lar e um Amigo, que não conhece desânimos.

Deve-lhe muito «A Voz de Melgaço». Deve-lhe muito a vila de Melgaço, que pastorela com inextinguível carinho e dedicação.

O Sr. P. e Justino é das aquelas raríssimas almas que não conhecem inimigos.

Bela estrela a sua, que

terado, nem sequer dum salamim, o programa que na primeira hora se propôs seguir — programa que se pode resumir nestas palavras: — SERVIR A DEUS E A MELGAÇO E A SUA GENTE — ele, Tempo, que na sua marcha perene, inexorável e erodente, tudo muda e nada poupa.

Quem, sem paixões e gases, folhear uma colecção de «A Voz de Melgaço» há-de forçosamente constatar que este jornal tem sido um incansável defensor dos interesses da sua e nossa querida terra — Melgaço. Todos os problemas que digam respeito, ou sejam do interesse de Melgaço e dos Melgacenses aqui tem sido debatidos; e tudo, e sempre construtivamente, com imparcialidade e lealdade insuspeitas.

Não há dúvida. «A Voz de Melgaço» tem sido, é, e há de continuar a sê-lo, um jornal de Melgaço e para os melgacenses.

— Mas é impresso em Braga...

— Bem sei, mas é feito, exclusivamente, por melgacenses e à vista de melgacenses. Não é colaborista — estranhos à Terra... daí a minha muita simpatia por ele.

Pois é verdade! Com o presente número completa oito anos de publicação — de honesta publicação — a nosso querido QUINZENÁRIO; há, portanto, festa de regosio nesta Casa. Há festa nesta Casa... há, e eu... quanto me penaliza que as minhas habilitações literárias sejam tão humildes que não permitam deixar aqui consignado prosa visto «ad perpetuam rei memoriam». Mas se não posso deixar aqui consignado prosa vistosa, pelas razões acima apontadas, posso ao menos — e disso tenho a certeza certa — exclamar, alto e em bom som, aquela ou tra locução latina com que epigrafei este arrojado

Ad multos annos!

o guia pelos caminhos da vida, para todos árido, difícil, tormentoso, e para S. Rev. cia, ao parecer plano, calmo, seguro.

Toda a família de «A Voz de Melgaço» saúta nesta hora de alegria, em que paramos um bocadinho a descansar, e a tomar novos alentos, o seu querido Amigo, Sr. P. e Justino Domingues, alma da nossa alma.

E que Deus o conserve.

NOTAS A ESMO

A devoção do Mês de Maria, que todas as manhãs se vem realizando na igreja paroquial, tem tido sempre numerosa assistência de fiéis.

— Com 70 anos, faleceu no passado dia 14, no lugar dos Ferreiros, a sra. Arminda Afonso, filha de José Afonso e de Mariana de Jesus Gomes, que foram do lugar de S. to Amaro. O seu funeral realizou-se no dia seguinte, sendo muito concorrido. Paz à sua alma e sentidos pêsames aos doridos.

— Inscreveu-se como assinante do nosso jornal a sra. D. Maria Carolina Gomes de Sousa Gonçalves, de Lourenço Marques. Pel' «A Voz de Melgaço», muito obrigado.

— De visita a seus pais, estiveram na «Quinta da Serra», o sr. Alfredo Peixoto de Almeida, distinto professor de ensino técnico na cidade do Porto, sua esposa e gentil filhinho, Filinto Elísio.

— Também aqui esteve o sr. Ladislau de Barros Pinheiro, considerado comerciante de praça, de Lisboa.

— Retirou para a capital o meu particular amigo e nos estimado assinante sr. Anibal Lopes Pinheiro, muito digno funcionário do escritório central da «Socony Vacuum Portuguesa» e não fotógrafo, como por lapso noticieei em a minha última carta.

Que se me desculpe.

— Também para a referida cidade, onde foi passar um a temporada no convívio de sua irmã, seguiu no pretérito sábado, a jovem Adelaide de Jesus Domingues.

— Ante ontem, meu filho foi fazer uma cobrança de «A Voz de Melgaço», dos assinantes de Remoães, em atrazo, e perdeu ali o recibo destinado ao sr. Luís Cardoso, da mesma freguesia. Por acaso ninguém o teria achado...?

— E mais não sei — C.

De Visita ao Sameiro

Vindas do Porto, numa excursão organizada pelas Irmãs de Maria Imaculada, esteve-am no passado dia 30, neste santuário afim de ganharem o jubileu do ano Mariano, as virtuosas meninas Rosa da Conceição Durães e Maria Augusta Durães, de Cavaleiros.

Efemérides

Em 10 de Junho de 1923 chegaram ao Peso o saúdo so D. Manuel Vieira de Matos, a fim de fazer a visita pastoral ao Arciprestado de Melgaço. Descansou em casa do falecido Bento Fernandes Pinto, donde seguiu para Paderne, em cuja residência parou ficou hospedado durante a maior parte do tempo que durou aquela visita.

Ora... porque o sr. A. Freixinho, para... justificar (1) os disparates que escreveu à cerca desta visita, remeteu os leitores de "A Voz de Melgaço," para a "Acção Católica," de Julho de 1923, transcrevo na integra, e fielmente, o que diz o nosso Boletim Arquidiocesano, no número 7 do Ano VIII, da sua publicação sobre a mesma

VISITA PASTORAL
Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz consagrou parte do mês de Junho findo à visita pastoral do Arciprestado de Melgaço.

O tempo, já bastante quente, não era dos mais propícios, e o acidentado do terreno, quase tudo ser rancias, não permitia uma visita fácil e cómoda.

Toda via nada de teve o ardoroso zelo apostólico do nosso amantíssimo Prelado, que não deixou de visitar as freguesias de mais inospito acesso, por toda a parte recebido com as demonstrações mais festivas e carinhosas.

No dia 17, visitou Paderne; no dia 12 S. Paio de Melgaço; no dia 13 Rouças; no dia 14 Penso; no dia 15 Alvaredo; no dia 16 Prado e Remoães; no dia 17 Paços e Cristóval; no dia 18 Chaviães; no dia 20 Castro La boreiro e Lamas de Mouro; no dia 21 Cubalhão e Parada do Monte; no dia 22 Gave e Couso. No dia 23 crismou pela segunda vez na igreja de Paderne e fez a reunião do Rev.mo Clero do Arciprestado.

Em todas as freguesias foi administrado o crisma, tendo recebido este sacramento perto de 6 000 pessoas. Sua Ex.a Reverendíssima regressou a Braga no dia 23 bem disposto de saúde e com as mais gratas impressões da visita pastoral.

E' de esperar que a pregação feita nas igrejas por ocasião desta visita, a presença e a acção apostólica do venerando Prelado e a graça dos sacramentos ubérrimos frutos de bênçãos produzam no Arciprestado de Melgaço.

Deus o permita.
Nesta notícia, talvez por culpa de quem a deu

ou da do tipógrafo que a compoz, não se alude a Fiães, cuja visita pastoral teve lugar no dia 19, e até por sinal o venerando Prelado caiu ali da montada em que seguia, por esta se ter espantado com o fogo.

Também, como se vê, Sua Ex.a Rev.ma não visitou nem crismou todas as freguesias do Arciprestado, pois não o fez na Vila, por o rev. Celestino de Figueiredo a ter deixado dias antes e estar, assim, sem pároco.

Quanto ao número dos crismados (cerca de 6.000) aquele Boletim diz ser "em todas as freguesias," e não só na de Paderne, como escreveu o sr. A. Freixinho. De resto, este número está excessivamente exagerado, pois para atingi-lo preciso era que a visita se o tivesse feito a todas as freguesias do Arciprestado e que em cada uma delas se confirmassem, em média, 300 pessoas, média que ainda hoje, apesar da recristianização do povo e da população concelhia ter aumentado em 2.448 almas (*) se não atinge. Em corroboração do que fica exposto, basta saber-se que então em Rouças—sede do Arciprestado e a cuja visita estive presente—receberam o crisma 194 ou 196 pessoas, apenas. Portanto...

(*) — O censo de 1920 dá ao concelho de Melgaço 15 421 e o de 1950 dá-lhe 17.869 habitantes.

Mário

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: hoje a sr.a D. Ermelinda Fernandes de Faro Rocha e o sr. Agostinho Alves; no dia 5 o sr. P.e Justino Domingues; no dia 9 a menina Rosa Rodrigues Gomes e o sr. Alberto Caldas; no dia 12 a menina Rosa de Lourdes Caldas, e no dia 14 os srs. António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira.

INSPECTOR ESCOLAR

Esteve neste concelho, onde veio inspeccionar os Cursos de Educação de Adultos, o professor Celestino de Azevedo Pires, mereíssimo inspector escolar.

Vamos para diante?

(Continuação da 4.ª página)

no constituido por officiaes do exército, snrs. capitão Alberto José Luis, tenente Fernando Lopes, António Vicente e Jacinto Freitas trouxeram aos seus ombros a veneranda imagem da Senhora da Fátima.

ENTRADA TRIUNFAL

Aquella praça encheu-se logo de fiéis. Que vida e que silêncio! Que alegria e que reconhecimento!

— A procissão de N. Senhora da Orada pelas onze horas, meia noite e uma hora reuniu milhares de pessoas. E durante toda a noite, quer na procissão quer na matriz o povo nunca deixou a veneranda imagem.

Rezámos, cantámos, e chorámos...

Sacerdotes vindos do Convento de Singeverga e do vizinho concelho dos

Arcos e sacerdotes de Melgaço passaram toda a noite a confessar.

E manhãzinha cedo 28 de Agosto as estradas que das freguesias veem a Melgaço começaram a trazer gente. As freguesias veem em procissão, cruces, bandeiras, opas, crancinhas, autoridades, povo.

E em plena praça pública às 10 horas da manhã o concelho inteiro presenciava um espectáculo nunca até então visto: — a sa grada comunhão distribuída a 3.500 comungantes.

O certo é que S. Ex.a Rev.ma o Senhor D. Domingos, venerando bispo da Guarda, afirmava na Sua formosa alocação: — Pode haver igual a isto; mas não há superior. E não houve.

Quantos éramos? — O livro que o ilustrado Secretário particular do Senhor Arcebispo escreveu a historiar a romagem de N. Senhora de Fátima, pela Arquidiocese, Sr. P.e Veloso, refere que: — «Nas aldeias de Melgaço não deve haver viva alma, porque está tudo na vila».

Melgaço tinha vestido as suas melhores galas, as ruas ricamente ornamentadas e em todas as casas, luzes e iluminação.

Funcionários da Câmara, todos, autoridades religiosas, militares, legião, Guarda-Fiscal, povo, tudo estava ali.

Mas desta vez, infelizmente, a Câmara não esteve com o Povo.

VISITA PASTORAL

No ano passado, S. Ex.a Rev.ma o Senhor Vigário Geral, Mons. Manuel Peixoto, pôde fazer novamente a sua visita pastoral ao arciprestado. E dizemos novamente, porque a última fora em Outubro de 1944 e realizada pelo mesmo illustre visitante.

Foram novas jornadas de fé. De freguesia em freguesia, de Penso a Castro, terminando na vila, todo o concelho aclamou em S. Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo, sendo muitos os crismados e muitas as comunhões.

Foi reservado um dia para cada freguesia, podendo desta maneira Monseñhor Peixoto observar mais de perto a vitalidade religiosa de todo o concelho. Igrejas, paramentos, casas paroquiais, passais, organizações religiosas, tudo o illustre Visitante pôde ver.

GRI... GRI... GRI

Hos anos da menina

A racionalidade do homem permite-lhe contrariar os mais enraizados hábitos, mesmo que estes completem acidentalmente a própria vida. E desta possibilidade que farei uso para não me afastar do fim que me propus alcançar.



Prof. António Dâmaso Lopes, o famoso «Grilo», cujo canto hipnotisa os mais duros

Como nos anos anteriores, "A Voz de Melgaço," reabre mais uma página no livro da existencia para nela traçar eficientemente os planos duma vida mais rica e fecunda.

Há muito tempo que um dos seus recentes desejos é tornar-se um periódico semanal.

Não é ganância avara nem quimérica aspiração, mas sim inteiramente justo e necessário este desejo.

Estou bem certo de que alguém, neste dia natalício, brinde à completa aniquilação deste jovem quinquenário, dinâmico e altivo nas lutas, mas leal e respeitador no contacto com a sociedade,

Não importa o que esses cautelosos e arrogantes espiritos julgam ou pensam. "A Voz de Melgaço," continuará cõscia do seu dever, na nobre, embora por vezes, árdua tarefa do engrandecimento material e elevação moral da nossa terra, luta bem digna a que os seus dirigentes e colaboradores têm empregado o melhor dos seus esforços.

Quer ao apontar as mais urgentes necessidades (porque Melgaço tem tantas...), quer ao combinar caracteres para louvar esse «algo» que se fez na complexidade confusa de traços mal delineados que mais são um arremêdo à lógica do que um índice de progresso, afirmará implacavelmente o que a razão e as exigências de momento ditam. Assim, mesmo com toda a benevolência, discordará das vantagens na escolha do local da actual feira do gado; discordará do espaço para tal destinado; discordará do estado vergonhoso das pseudo-retretes, etc. etc.

Mas... para que divagar em recordações sem vida? Rasgue-se uma larga clareira na embaciada monotomia da existencia; para que se veja o esplendor da forma e ritmo dum jornal remogado.

Colaboremos afincadamente no real e comum interesse, para que seja rápida e completa essa transformação.

E deixemos descansar no sono inocente este Melgaço bom e humano que, com Tito Lívio, pensa: «o homem honrado não se vinga da injúria; perfero perdão».

Grilo

(Continua na 8.ª página)

O ALTO MINHO ESTARÁ NA

Senhora da Peneda

no primeiro domingo de Julho e segunda-feira com o seu amantíssimo Prelado

Melgaço prepara-se para essa data. Os rev. dos párcos estão a preparar devidamente os fiéis.

Ficou assegurado serviço permanente de camionetas para a Senhora da Peneda nesses dias.

Segue o programa:

DIA 4 — (1.º Domingo de Julho) Durante o dia: Entrada das peregrinações. Confissões; às 17 horas — Recepção do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz; às 18 horas — Concentração dos peregrinos junto do Pórtico principal do Santuário, para entrada processional no Templo onde haverá, à chegada. *Missa Vespertina*; às 20 horas — Procissão de Velas com a Imagem de Nossa Senhora da Peneda e recitação do Santo Terço cantado tanto da devoção dos peregrinos da Peneda; Das 22 às 24 horas — Adoração solene do Santíssimo Sacramento para todos os peregrinos; Durante o resto da noite — Hora de Adoração de cada um dos Arciprestados do Alto Minho — principalmente Arcos de Valdevez Monção e Melgaço — e outras peregrinações que se inscreverem, esperando-se que o povo raiano da Galiza, tão devoto da Virgem da Peneda, concorra com grande número e celebre também a sua Hora Santa de Adoração Eucarística.



D. António Bento Martins Júnior
Venerando Arcebispo Primaz

DIA 5 — (2.ª feira) — Às 5 horas da manhã — Missa e Comunhão Geral; às 7 horas — Terço do Rosário no Santuário Organização da Procissão com a Imagem de Nossa Senhora, que percorrerá o Terreiro principal, seguindo-se a *Missa Campal*. Alocação. Invocação e Bênção com o SS.^{mo} Sacramento aos doentes e

a todos os peregrinos. Renovação da Consagração de todas as paróquias do Alto Minho ao Coração Imaculado de Maria; às 11 horas — Descerramento dumalápi de comemorativa das Festas Marianas Centenárias com prática alusiva; às 14 horas — Comovente cerimónia de despedida dos peregrinos presentes da Virgem Nossa Senhora da Peneda; no fim: — Sua Ex.ª e Rev.ª o Senhor Arcebispo, que assistirá a todos os actos da Peregrinação, dará, bem como todos os prelados a Bênção aos peregrinos.

Roga-se: aos rev. os sacerdotes peregrinos a grande caridade de atenderem durante a tarde do dia 4, os fiéis no Santo Tribunal da Penitência; aos peregrinos se confessem nas suas freguesias por ser difícil atender a todos na Peneda; aos doentes, que desejem tomar parte na Peregrinação, façam a sua inscrição na sede dos respectivos Arciprestados; aos Rev. mos Srs. Arciprestes a caridade de enviarem com a máxima brevidade, aqueles que ainda não fizeram, aos Rev. mo Sr. Arcipreste dos Arcos



Nossa Senhora de Fátima

SULFATO DE COBRE

DE ORIGEM ALEMA

DO MAIS ELEVADO GRAU DE PUREZA E DE GRANDE PODER ANTISSEPTICO DIFICILMENTE IGUALAVEL. Tem para entrega imediata e vendem ao melhor preço

Mauricio Macedo & C.a

Rua de S. João, 96 — PORTO
— Telef 23651 —

fábrica de Moagem em ferreiros

PADERNE

DE — **José Pereira Esteves**

Comp a milho a 2\$423 o quilo
» centeio a 2\$70 o quilo
Vende Farinha de milho a 2\$75 o quilo
» » de centeio a 3\$00 o quilo
Maquia: 10% nas trocas por moagem

Rouças, 21

ou ao Presidente da Mesa da Peneda, a relação dos doentes inscritos com todos os dados que lhe for possível colher, sobre a identidade dos mesmos, e doença de que sofrem a fim de se lhes assegurar alojamento conveniente na Peneda. Haverá assistência médica no local.

Recomenda-se aos peregrinos que façam podendo, a viagem a pé, entoando cânticos religiosos ou recitando o Terço do Rosário. Aqueles que se utilizarem de carro apenas terão de percorrer 1 quilómetro a pé, visto a Estrada dos S. Florestais dever estar já nessa altura, muito próximo do Santuário.

Voltaram de França e já se encontram em suas casas os nossos amigos António Gonçalves da Eira e o José Chico. Ochalá que tudo lhes corra bem.

— Ali para os lados da Carreira aquilo não corre bem. Já faltou milho de um canastro e encontrou-se rasto dele, parece. Que tristeza ir-se roubar milho e alguns homens não saírem por aí a trabalhar honradamente. Que vergonha para a freguesia. Vieram o sr. Regedor e a G. N. R. averiguar.

— Na Caniçada realizou o seu casamento o nosso amigo José Domingues, do Custódio, de Loviô. Muitas felicidades.

— Para França, partiu o sr. Manuel Alves, de Fecho.

— Nos Arcos, em Rio de Moinhos, casou a regente escolar D. Isaura de Jesus Domingues de Faval, que aqui se preparou para exame de estudo.

— As terras estão quase todas lavradas e já começaram as sachadas.

— No dia 9 foi baptizada uma menina, filha de António Esteves e de Florentina Teresa Alves, de Paçô a quem foi posto o nome de Maria Ortelinda. E no dia 28 de Abril foi baptizada outra menina, filha de António Fernandes e de Maria Gonçalves, da Aldeia Aos recém-nascidos, muitas venturas, pela vida fora.



Ex. mo Bispo de Tuy

RANHADA & TEIXEIRA, L.^{DA}

Concessionários FORD na Província do Minho

Automóveis - Fourgonetes - Camiões - Tractores
Alfaias Agrícolas

SECÇÕES DE REPARAÇÕES DE MECÂNICA; ELECTRICISTA,
PINTURA, CHAPEIRO E ESTOFADOR

SECÇÃO DE LAVAGEM, LUBRIFICAÇÃO ESPECIALIZADA,
POR PESSOAL COMPE TENTE

Venda de peças e acessórios -- Gasolina -- Oleos e lubrificantes

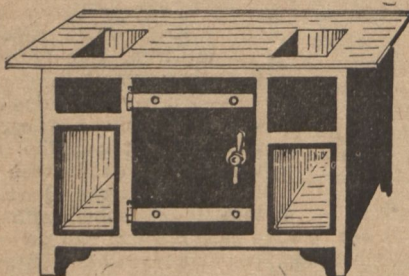
Largo 1.º de Dezembro (à PONTE)

Telefone permanente 2914

BRAGA

CASA SANTOS

Plácido Queirós dos Santos



N.º 2

FERRAGENS — METAIS
FREGAGENS — CUTE LARIAS
COFRES — FOGÕES — BALANÇAS

ARMAZEM E ESCRITÓRIO:

Rua dos Capelistas, 55-59 — Telefone, 2525

FABRICA DE METAIS

7 — Largo da Deveza — 7

BRAGA

GRANDE HOTEL DE BRAGA

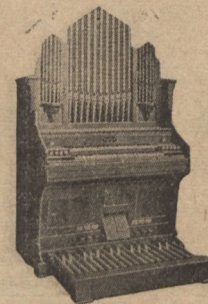
O MELHOR DE BRAGA

Impõe-se pelas suas confortá-
veis instalações, boa mesa
e preços acessíveis

TELEF. 2327 P. B. X.

AVENIDA CENTRAL

Concessionário : Manuel Ribeiro Gomes



A Fábrica de HARMÓNIUNS

de Delfim Ferreira Peixoto

a casa mais categorizada do País
no fabrico de harmóniuns

convida o público em geral a visitar as
suas EXPOSIÇÕES de NOVOS MO-
DELLOS DE HARMÓNIUNS DE 1, 1 1/2,
2,3 E 4 JOGOS, o que há de mais moderno, de nova técnica,
de sons maravilhosos e perfeito acabamento.

Os nossos harmóniuns são tão bons ou melhores
do que os estrangeiros !

OS NOSSOS PREÇOS NÃO RECEIAM CONFRONTO
Temos pessoal habilitado para todas as reparações
e garantimos os serviços.

CASA DOS PIANOS

Mais de um quarto de século dedicado ao estudo
e ao fabrico de harmóniuns

RUA DE S. MARCOS, 79-83—Telefone, 2062—BRAGA

PIANOS—MÚSICAS—RÁDIOS—DISCOS

Fábrica de Balanças

JOSÉ DUARTE RODRIGUES

Marca registada «**Cachapuz**»

A MAIOR FABRICA DE Bâsculas DE PORTUGAL

Rua dos Chãos, 92 — Telef. 2468
Campo da Feira — Telef. 2318 --- Braga

Uma indústria bracarense que con-
quistou lugar de grande destaque
e "pesa" na economia nacional

Fornecedor de BÂSCULAS para os
Caminhos de Ferro. P. V. T. e
grande empresas nacionais e
estrangeiras

À
LAVOURA



OS GRUPOS
MOTO-BOMBAS

da **SOCIEDADE AGRICOLA**

AVENIDA MAR. GOMES DA COSTA, 50 — BRAGA

DÃO ABUNDANCIA DE AGUA

Importação Directa

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA

Pedir tabelas à

Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.da

TELEFONE 2450 — BRAGA

Notícias Várias

Afinal são muitos mais os melgacenses que se desloca a Braga, para tomar parte nas cerimónias oficiais das festas do Sameiro. Alguns partem já no domingo, outros, pela semana adiante. A maior parte, no sábado e domingo.

Consta-nos que o Sr. P. e Anibal presidirá a um grupo de peregrinos, idos de Castro, em camioneta.

Outro grupo partirá segundo nos afirmam, de S. Gregório, também em camioneta.

A todos se recomenda que esta ida a Braga, para assistir às festas em honra de N. Senhora, se faça com verdadeiro espírito de fé e penitência.

Devemos tomar parte nos vários actos do culto, e incorporar-nos na procissão de velas e na grandiosa peregrinação ao Sameiro.

Não vamos ao cinema. Não vamos gozar. Vamos tomar parte nas homenagens à nossa Mãe do Céu.



TEMPLO DO SAMEIRO

PENEDA Está assegurado o serviço permanente de camionetas para a Senhora da Peneda, nos próximos dias 4 e 5 de Julho. Melgaço deve acompanhar e acompanhar os seus párocos e o Seu amantíssimo Prelado ao Santuário da Peneda.

Já temos notícias de que são muitos milhares aqueles que tencionam subir neste Ano Mariano à montanha santa para rezar, comungar e fazer penitência dos seus pecados, já que todos os temos.

Recorda-se novamente que a estrada em construção, por essa altura, estará a 1 quilómetro do santuário.

O FACHO Neste aniversário de «A Voz de Melgaço», quinzenário católico ao serviço de Deus e da nossa pequenina Terra justo é que destaquesmos entre os santuários o de Nossa Senhora de Fátima do Facho, em Cristóval.—Reino de Maria, solar de Maria, se pode chamar a Melgaço. E com razão.

Houve na nossa terra, como em todas as outras,

quando o liberalismo, a maçonaria e a fobia religiosa imperavam, muito que lamentar. Homens e actos nobres e dignos aqui passaram também. Mas na alma deste bom povo de Melgaço nunca esmorecem a fé, a crença e a confiança na Virgem.

O Facho é um local de maravilha! A paisagem rica, imponente, que ali se desdobra a nossos olhos é das mais soberbas que temos visto. O rio Minho, manso e meigo, corre lá ao fundo. Em frente, está a nossa vizinha Galiza, de quem o poeta canta:

*A Galiza e mai-lo Minho
São como dois namorados
Que os pais trazem separados
Quasi desde o nascimento.
Deixai-os pois namorar
Já que os pais para casar
Não lhes dão consentimento.*

E num dos morros da Galiza, que se erguem em frente a S. Gregório, lá está outro Santuário, que a fé dos nossos vizinhos levantou em honra de Nossa Senhora de Fátima, de Crescente.

Foi preciso que um anjo adoecesse, para que no Facho se começasse a erguer uma grande obra.

O Facho terá o seu Santuário.

Foi a menina Ilda Esteves, neta estremecida da senhora D. Estefânia Gomes, de S. Gregório, esse anjo que adoeceu. E morreu!

Era preciso salvá-la. Lutou-se com a morte. A medicina e as orações. Mas há almas que não podem ser deste mundo. São do Céu.

E a Ilda partiu...
M a n u e l Trancoso não o sucumbiu perante a morte desse anjo. A obra era de Maria Santíssima e por isso urgia continuá-la.

O que ali fez Manuel Trancoso, que Deus também já levou, não se escreve, sente-se e vive-se.

O Facho foi por anos todo o seu enlevo. Ali subia tantas vezes, e rezava, e trabalhava. Plantas, flores, pedrinhas, sementes, que a i deixou a chorar, a rezar e a trabalhar, ainda hoje parecem recordar a mão doce e amorosa do saudoso finado Trancoso.

Abílio Esteves acompanhou e continuou a obra. E o Facho, de ano para ano, como linda e insuspeitada flor que se abrisse aos beijos doces e amores do sol, ia sendo uma revelação.

Ali estiveram os Srs. Governadores Civis de Orense e Viana. Ali esteve o bom e sacrificado povo de Fiães, com seu pároco, o Sr. P. e Pereirinha à frente a pedir a estrada. E ali lhes foi prometida; já lá vão anos. (Fiães tem sido um povo muito esquecido e não o merece)

Ali no Facho realizaram-se lindas festas, sobressaindo entre todas a que se fez em Maio de 1947 nas vésperas do Congresso Eucarístico, sob a presidência de S. Ex. a Rev. ma o Senhor Arcebispo Primaz, o Senhor D. António Bento Martins Júnior. Parece que até o sol pusera naquela bonita manhã de primavera todo o seu cuidado. E a harmonia e a beleza naquela missa cantada, com a presença, se não estamos em erro, de D. Castor e orfeonistas de Riba d'Avia!

E' sempre com emoção que ali subimos a rezar, e os minutos passados aos pés daquela imagem (a Senhora está no céu!) tem para nós um encanto indizível.

Muitos ali sobem a rezar pelo ano adiante. E aquelas pedras, que amorosamente arrecadaram já as lágrimas de muita mãe, e de muitos filhos, são pedras que tocamos com respeito.

O Facho é testemunha silenciosa e eloquente da devoção fervorosa e humil

Santa Rita

(Continuação da 2.ª página)

atleta, lá se foram as velhas paredes e... também a capelinha.

Temos a convicção de que Santa Rita queria lá do Céu, esta obra que todos erguemos em seu louvor.

Vieram chegando alguns donativos e foram surgindo pequenas obras: — uma sacristia, uns muros altos, uns terrenos adquiridos e sobretudo uma devoção à nossa gloriosa Santa, mais viva, mais quente e eficaz.

Breve se reconheceu que tudo era pouco. E fez-se uma planta, por sinal, muito linda. E da autoria do nosso amigo Sr. Engenheiro Mário Leitão.

E quase sem dinheiro (o calvário das nossas obras) começamos.

Já lá vão gastos acima de 100 contos, e se o dinheiro vem (a nós parece nos) um pouco devagar, porque enfim para Santa Rita a subida é grande, ele chega sempre.

Nunca nos faltou. E na da pedimos ao estado. O que ali hoje se fez, é obra da caridade, do amor do nosso bom povo. A obra de pedreiro, de que seria mestre, o filho desta terra e vizinho, João Crisóstomo

de de muitos romelros. Oxa lá que em breve, ali se erga um grande Santuário, donde, qual outro Sameiro e Fátima, irradie um grande manancial de vida, de fé e de amor à Virgem.

Não queremos terminar estas poucas linhas dedicadas ao Facho, sem prestarmos a nossa homenagem ao saudoso abade de Cristóval, Sr. P. e Manuel José Pereira que alguns, depois da sua morte, esqueceram... e até desprezaram.

E também vão as nossas palavras de respeito e homenagem para o Sr. Adriano Afonso Marques, e Alvaro Cardoso, de S. Gregório, a quem o santuário muito deve, envolvendo nesta nossa homenagem todos aqueles que fizeram e fazem essa obra de beleza que é o Facho e o actual e bondoso pároco, Sr. P. e Manuel Lourenço.

E que num futuro, não muito distante, ali se erga bela, acolhedora e imponente a nova igreja do Facho.

E naquele recinto que aspreces, os actos de culto, as devoções se tornem cada vez mais puras e mais santas. — Sérios com Deus!

A avenida sonho ainda do Sr. P. e Pereira, agora formosa realidade, pede e exige muito mais. — X.

Cardoso, realizou-se em 2 fases.

O orçamento foi baixo (aqueles que lidamos com esmolas nem sempre podem ir para grandes vãos). Houve concurso, e da primeira vez apareceram mais concorrentes. Da segunda vez ficou só em campo, mestre João.

A obra fez-se. Não é obra rica. E perfeito, só Deus.

Também não faltaram contra tempos, em todo este porfiado labor. Mas qual a obra de Deus que os não tem?

Agora que paramos um bocadinho, a ver os passos já distantes e saudosos, lembramos tudo e a Deus agradecemos, seu valioso auxílio.

Não faltam nesta obra os nossos grandes amigos, a quem Deus abençoou com larga fortuna e também nunca nos faltou a presença eloquente, magnânima e generosa dos pobres sinhos e remediados.

Com todos nos encontramos e de todos, só recebemos carinho, dizemo-lo com emoção.

A freguesia de Rouças, como lhe competia, ali careou, a cantar, e a rezar em lindos cortejos, as suas oferendas. Foi muito o que fez. Talvez demais olharmos aos anos e breza da terra. S. P. e um lindo cortejo que tristemente assinala tem-nos ajudado.

E não queríamos terminar sem uma palavra de saudade, de agradecimento e de ternura para com — aos Padrinhos do Mosteiro, ao amigo Joaquim J. e Ex.ª Esp. lançaram a 1.ª pedrinha Anésia Cardoso.

tanto dinheiro, e não andou, ao amigo meiro encontrado longa jornada, M. reiro, a todos, (é possível dizer aqui o seu nome) a todos nos relevem a todos agradecemos.

Aos pés da nossa Padroeira, S. deixamos as suas ofertas, os seus corações agradecidos, as suas preces e saudades e os seus nomes.

A «A Voz de Melgaço» que nos acompanha nesta gloriosa jornada os nossos agradecimentos. É um dos melhores amigos que temos, pois a todos leva periodicamente uma carta de amor, aqui feita, aos pés de Santa Rita.

Obrigado, amigo!

Vamos até ao fim. — C.

LAVABO MANUS MEAS

(Continuação da 1.ª página)

que vivemos à distância, não temos a devida e necessária autoridade para nos pronunciarmos sobre os variados e complexos problemas que podem a soberbar a vida dum Município, especialmente quando o mesmo é rural, pobre, vivendo honrada mente no seu trabalho.

Mas podemos dizer alguma coisa, dentro do trivial, expôr certas pretensões que nos parecem ressaltar perante os olhos de todos, sentindo nos emborã sós, o que nos não pesa, pois nunca tivemos medo de nos encontrarmos face a face com nós próprios.

Não estamos ao serviço de quem quer que seja, dentro do âmbito dos nossos trabalhos jornalísticos ou literários, que não seja o da Ordem, da Disciplina e da Nação Portuguesa. Tivemos em tempo a lembrança de agitar o assunto «Caminho de Ferro para Melgaço» e ainda hoje não nos convencemos da superioridade total do pneu sobre o rail. Sentimos a necessidade de estradas e fontes, não esquecendo a necessidade de estas se multiplicarem por toda a parte no desejo sincero de que o sistema de mergulho ou siphão, desaparecesse nos meios de comunicação puzessem em contacto os pontos ou lugares mais distantes; que a energia electrica, fôsse realidade, pois a segunda cremos de estrangeira, é uma hipótese, á falta de melhor, com imperatativa tensão a algumas que bem o merecem também sabemos os problemas com que os responsáveis da medida louvável forças, procuram o melhor do seu esforço e vontade. Mas a insatisfação que de todos os lados do Estado Novo, pouco / E é pouco a nossa Revolução marcha, não se abra o fim, antes esta com uma ten para um aperfeiçoamento a tocar, se possível, fronteiras da perfeição integral, considerando a perfectibilidade um dom dos deuses. Equacionando desta maneira o problema, não queremos provocar polémica, nem tempo temas para ela, mas tão sómente responder a uma pergunta. O abastecimento domiciliário de águas, esgotos e saneamento, que se pronunciem as entidades sanitárias; sobre as

suas vantagens ou desvantagens

Assistência moral e hospitalar, instrução, trabalho productivo, tudo num ritmo cada vez maior, dentro dos princípios que to dos sentimos que é o de haver paz na terra entre os homens de boa vontade.

Propositadamente não abordamos o assunto turismo porque este, não pode viver das nossas conversas nos periódicos regionais; carece de hotéis, restauração, muitas coisas que não é fácil atingir rapidamente, acrescentando a dificuldade de transportes e a circunstância de Portugal, todo ser um jardim.

Gostaríamos que a mendicidade estivesse resolvida (veja-se o exemplo de Cerveira) e nos fossem poupados espectáculos como aquele que se dá em Monção, á chegada dos comboios de longo curso e que em tempos verberamos num jornal daquela terra. Vai sendo tempo de se enfrentar o problema em toda a parte pelas Sopas dos Pobres, Conferências Vicentinas, Autoridades, particulares, etc., etc., etc.

Já desportivamente, achamos necessário um par que de jogos para que a mocidade tivesse mais ar livre e menos taberna, mas sem a ilusão dum estádio municipal, por demais, nem a terra tendo condições para manter um grupo de futebol de plano ligeiramente médio, dado o preço porque essas coisas ficam e o meio não ter indústrias, nem artes que fixem operários que ao mesmo podessem dar cooperação. E essas coisas, não podem viver só da massa associativa, nem dos subsídios oficiais, nem do sacrifício dum ou outro E como fomos desportista, hoje simpatizante, temos autoridade para afirmar que «sonhar é fácil...», para os que assim não pensem.

A «Banda de Música», aquela «Banda»!... Só de evocá-la, nada mais é preciso dizer, embora ressalte o nome de Mestre Moraes, artista de fina temperança... A Corporação de Bombeiros, com passado que não emvergonha, ou não estivesse esse voluntariado integrado no intimo das nossas gentes.

E assim por diante. No volver de mais um ano na vida da «Voz de Melgaço», continuamos a trilhar o mesmo caminho que foi traçado na reunião que precedeu a sua criação, salvo erro, numa de

S U R S U M

(Continuação da 1.ª página)

terras recusaram-se a dar-nos, nas proporções costumadas, o pão de cada dia.

Um ou outro proprietário menos escrupuloso, rarassem dúvida, para glória da nossa terra, extorquiam às lágrimas dos pobres o seu minguaquíssimo oiro. Venderam-se alqueires de milho a 200\$00. E o pão chegou a comprar-se a 4\$50 o quilo.

Outros concelhos mais felizes do que o nosso podiam comprar o quilo de pão milho a 2\$50.

«A Voz de Melgaço» pediu caridade, pão e justiça. Não era para si, mas para muitas bocas famintas.

Pouparíamos milhares de contos ao concelho, mas não fomos ouvidos.

VIDEIRAS AMERICANAS:

Lembramo nos também de certa sessão no teatro Peli cano de Melgaço. Casa cheia de lavradores desta nossa abençoada terra. Um dos problemas que se agitava no concelho e na sessão, era o dos produtores directos, especialmente da famosa Jacques. A G.N.R. tinha percorrido os campos. Alvarado alarmara-se

«A Voz de Melgaço» nessa famosa sessão, pela voz de um dos seus directores prestava justiça ás qualidades do nosso lavrador e defendeu a tese que lhe parecia mais consentânea e sensata. Recebemos cartas de várias terras do país, apoiando o nosso modo de ver e lembrando nos até que em certos países se procedia da mesma maneira como nós alvitramos. Já lá vão uns anos...

G. N. R.: Temos pela Corporação da G.N.R. o maior respeito

pendência da Santa Casa de Misericórdia, simpática reunião regionalista, onde tantos valores locais se reuniram, tendo tido a honra de os ouvir e apreciar. O caminho é o mesmo, pedem os homens não com cordar connosco; é legítimo, natural e humano. Ficamos no mesmo campo servindo na medida das forças que Deus nos deu, sem mira em recompensas ou lugares de comando, aparte algum desgosto que é fruto destas andanças.

Está finda a «auto-entrevista»; não podemos ser recriminados pelo pensamento que não ofende a terceiros, nem á própria sociedade. E' legítimo respeitar as crenças alheias quando são construtivas, é dever de boa vontade, princípio de melhor educação.

Abel Varela e Seixas

to. Por aquela altura, era muito falado e discutido no Concelho o Cabo Crispim.

Este cabo Crispim, foi alguém cá na terra.

Achamos que a actuação das autoridades junto dos lavradores devia ser mais humana, e prudente. E dissemo-lo.

O facto é que dali a dias o autor do referido artigo foi chamado a depor em inquirição.

Foram umas 3 horas, cheias de graça, pitorescas que ali passamos a depor, numa das salas da Câmara Municipal.

Mas parece-nos que a nossa Terra saíra mais prestigiada.

Não pudemos, mais tarde, acompanhar alguma gente da nossa terra na maneira como actuou contra o mesmo cabo Crispim. Não achamos bem.

E o facto é que o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Luís Carlos da Rocha, ao fim de alguns meses, abandonava a Câmara e o Sr. Cabo Crispim, só depois e quando o Ex.mo Comando entendeu, e muito bem saiu do nosso concelho.

Enfim, coisas tristes...

EMIGRAÇÃO: Um dos problemas que mais vezes levantamos neste jornal é o da emigração.

Muitos dos nossos conterrâneos e amigos, porque a terra é pequenina e não compensa as lágrimas e suores e canseiras por ela vertidos, abandonaram as suas lides, a sua velha casa, e partiram. Muitos deles, para a França e muitos, muitos mesmo, clandestinamente.

A França precisou em dada altura de 700 000 homens para dar movimento ao célebre plano, Monnet. Era depois desta última guerra, e nós perdemos aquela magnífica oportunidade.

Aqueles que estão bem remunerados nos seus trabalhos e vencimentos nem sempre fazem ideia do que é isto de os filhinhos pedirem pão e roupa e não haver com que calar a voz dos seus inocentinhos.

Há hoje a chamada «peste branca» e os mortais «carniceiros do lar», que fazem do matrimónio um cemitério e um túmulo... E não se acode conveniente mente.

Temos pugnado na tribuna deste jornal, com respeito e com entusiasmo por esta causa, lembrados daquilo de Jesus: — *Tive fome e não me destes de comer.*

Enquanto que países vários queimam ou atiram ao mar os seus produtos, mi

lhões de seres estão framente alimentados.

Continuamos a confiar e a lutar. Pão e trabalho. Trabalho para todos e justamente remunerado é a ânsia de todos nós. E que todos aqueles melgacenses que partem, dêem a mão aos seus conterrâneos pobres, chamando-os a trabalhar em terras estrangeiras e dando lhes trabalho aqui. A esmola (não gostamos da palavra!) não resolve o problema.

OUTROS PROBLEMAS:

Aqui temos pedido uma e muitas vezes que se olhe para a situação do lavrador: — adegas atulhadas de vinho que mal pagam o custo da produção, os gados quase parados e vendidos a preço baixo, os produtos necessários ao trabalho agrícola caríssimos.

Mas parece que ninguém nos ouve.

Continuaremos respeitadamente á nossa missão. E iremos até ao fim. Assim Deus nos ajude.

Não queremos alongar-nos mais. Com a nossa família, de tão sólida e apreciada amizade, aqui recordamos neste dia de festa alguma coisa daquilo que todos fizemos. Nós e Elan...

Sem os nossos assinantes, amigos e benfeitores, sem a sua firme presença na os seus aplausos, a nossa união, nós não poderíamos ter feito quase nada. E o dia da boa estrela, esta sólida amizade nunca nos faltou.

Por isso o nosso dia de anos, passados neste abençoado e formoso mês de Junho tem mais encanto, mais beleza e mais perfume, me, tal como as lindas festinhas da nossa terra...

Valeria a pena ter criado o jornal?

Valeria a pena ter levantado a voz a firmar posição?

Cremos que sim. Aqueles que gostam das digestões sossegadas, tranquilas e bem acharutadas, não compreendem a beleza da sua posição conquistada e mantida em luta.

Como ontem (esta é a nossa glória!) não estamos ao serviço de partidos, ou de capitais. Estamos ao serviço de Deus, da nossa Pátria, e da nossa Terra.

Obrigado, melgacenses, a todos vós que nos abristes vossas portas, de par em par, generosamente, e nos convidastes a entrar. Obrigado.

Convosco iremos até á vitória.

C. de C.

A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador :

R. HILÁRIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, Interina : Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO VIII

MELGAÇO, 15 de Junho de 1954

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

N. 73

Portugal inteiro ou de cabeça cortada ?

Apoiando o «Grilo», em prol do nosso concelho, protestando contra os que já esqueceram? que Melgaço é Portugal, quero também contar um caso parecido com o desse orador que disse em Barcelos: Portugal inteiro, de Monção a Vila Real de S.to António, etc.

O meu caso, teve lugar o ano passado, salvo erro, quando em Monção, no Cine-Teatro João Ver de esteve o conjunto de artistas «Companheiros da Alegria» dirigidos pelo distinto actor e locutor sr. Igrejas Caeiro, o qual disse que estavam numa terra que era o fim de Portugal — Monção. Os melgacenses presentes que de certo se deslocaram positivamente para assistir ao espectáculo, nem ao menos bateram os pés como protesto a tal disparate. Que falta de amor pela terra, senhores!... Será que o orador de Barcelos e o sr. Caeiro esqueceram a geografia, que não pode ser mais clara quando diz que o Rio Minho passa por MELGAÇO, Monção, Valença e desagua em Caminha?

Portugal, foi e será sempre, de MELGAÇO a V. R. de S.to António, por que de contrário ficará de cabeça cortada.

Ao ouvir pela rádio tão falsa afirmação, indignei-me, porém, algum tempo depois, notei com maior tristeza que não houve em Melgaço quem fizesse um convite ao conjunto do sr. Caeiro, (pelo menos éle aí não foi) para dar a um espectáculo e mostrar-lhe que afinal Portugal é bastante maior.

Enquanto a geografia vai ser estudada, reparemos mais.

Que se tem feito em Melgaço para que o seu nome seja conhecido além Portugal? Existe alguma comissão de turismo para fazer propaganda das belezas do nosso concelho?

Se não existe já é tempo de se pensar nela.

Quem faz saber: que a fronteira de S. Gregório abriu ao trânsito internacional?

que Castro Laboreiro e as freguesias da serra ainda guardam tradições das mais portuguesas de Portugal?

que em muitas freguesias há monumentos dignos de serem vistos?

que Melgaço possui uma zona thermal que rivaliza com qualquer do País e que as suas águas curam diabetes, doenças do estomago, fígado, etc.

Como a época está próxima, fez-se já alguma coisa para atrair o maior número de turistas e aquisições que darão progresso à nossa terra?

Consta-me que a exploração das águas é feita em conjunto com Vidago e Pedras Salgadas. Se assim é, porque só aparecem grandes cartazes com pinturas

(Continua na 4.ª página)

Carta à Redacção da Voz de Melgaço

Ex. Sr. Director:

No documento «Arcaico» de «Carta a Ridaçom da Boz de Melgaço» publicado no prezado jornal de que V. Ex.ª é digno director, de 1 de Abril, qual quer dos respeitáveis leitores à primeira vista diria que o documento referido era da autoria de cidadão de nacionalidade Espanhola; mas ao ler e rectificar

com a devida atenção, depreende-se que o escritor é um bairstista, um verdadeiro sentimentalista e que o seu coração está ligado por laços indissolúveis à terra, por certo que lhe foi berço, que é o concelho de Melgaço.

Assim se infere que ele se sintia penalizado pelas contrariedades que são feitas às pretensões que tem feito a Voz de Melgaço, no desejo ardente de pugnar pelos interesses da nossa querida terra, terra dos meus amores, que se fossem em parte atendidas desde que alguém se orientasse apenas, e só apenas por este jornal, verdadeiro arauto de Melgaço, atenda-se assim às suas reclamações, às suas sugestões, pois que é tudo quanto corresponde às suas mais prementes necessidades, que são do conhecimento geral do povo melgacense e são também as suas aspirações, que se lhes dessem a aplicação cuidadosa do espírito só receberíamos aplausos do bom povo de Melgaço.

Ah! Como é tão belo, tão nobre receber a apro

vação, os aplausos daqueles a quem confiam a realização dos seus desejos fervorosos. Pois Melgaço é uma terra, uma vila, lindo canteiro deste jardim florido de Portugal, Terra de Camões, de Afonso Lopes Vieira, e não uma clareira do Amazonas ou do Niagara.

Sr. Director; É nobre o sentimento do escritor do documento «arcaico»; não interessa a categoria social a que pertence; não interessa a sua cultura; digo em breves palavras: é um homem de sentimentos bairstistas, que segue com atenção a «vida», de Melgaço. Não terá a cultura de muitos outros, pois a culpa não é sua; isso já ele refere no «documento». É louvável o gesto de V. Ex.ª, tê-lo aceitado e dado à publicação que, a justiça de V. Ex.ª assim aconselhou e rogo aos Céus para que Deus ilumine o seu espírito, que tão bem se soube exprimir e que Deus não o leve tão depressa para a fábrica de tijolos que ele referia no seu importante documento; que não o veja tão depressa colocado naquele «cerâmica».

Bem haja a «Voz de Melgaço» e lhe envio os meus agradecimentos na pessoa de V. Ex.ª, por tão louvável e nobre campanha de bem fazer no sentido do engrandecimento da terra que representa, pois que em tudo expressa a intenção de a tornar o orgulho das terras de Portugal se as suas pretensões forem levadas a efeito; no entanto, se o não forem, não ficará com remorsos, mas sim orgulhosa de ter cum

(Continua na 4.ª página)

Congresso Mariano Nacional

O Congresso Mariano Nacional que se celebrou em Braga de 8 a 13, do corrente, decorreu com extraordinário brilho.

Muita gente da nossa terra esteve a assistir ao encerramento, na grande peregrinação nacional.

Todos à Peneda em 4 e 5 de Julho



Realiza-se, no próximo dia 4 e 5, a peregrinação à Senhora da Peneda, enquadrada no Ano Mariano

Que todos os que não estejam impedidos sigam na peregrinação do Alto Minho.
TODOS à Peneda

O presente número

Este número sai com original, quasi todo, que não pôde ser publicado no número comemorativo do nosso aniversário.

Parada do Monte, 25

Mais uma vez pedimos à nossa Junta de freguesia para olhar mais pelos caminhos da freguesia. Pois a Junta em exercício, sabe que todos os anos as Juntas cessantes avisavam para dar um conserto nos caminhos.

Não digo que fosse das freguesias do concelho que melhores caminhos tinha mas Castro e Parada eram as freguesias que gozavam de melhor fama em respeito a caminhos.

A nossa Junta actual, há dois anos que não avisa para os caminhos. Por quê? O caminho do Sacramento principalmente, é a Avenida Central da freguesia, e devia estar bem calçado, não estar cheio de buracos, arranjar os canos que não fosse água pelos caminhos, enfim seria bom para o povo e bom para os animais, que estando os caminhos bem calçados puxam de melhor vontade ao carro.

É por falta de boa vontade da Sr. Junta o não mandar avisar?

Pois com meio dia que se desse ao amanho dos caminhos não deita nin guém a perder e onde to dos ajudam nada custa.

Pois agora já acabou a labuta do Maio, e os dias são grandes e dão para tudo. É verdade que sempre há alguns faltosos mas a esses aplicam-se lhes as penas da lei.

Vamos pois a isto, Sr. Junta, não há que esmorecer.

Partiram para Lisboa no dia 15 a Sr. Angelina Ferreira, que veio passar um mês junto das suas filhas e de suas irmãs. Para Cascais também partiram no mesmo dia o Sr. José

Vieites e o Sr. Salvador Esteves, da Lagarteira.

— Afim de fazerem a tropa partiram para Viana do Castelo os Srs. Artur Domingues, de Cortegada, e Justino Esteves, do Peireiral.

— Com a avançada idade de 78 anos, faleceu a Sr. Maria Afonso Calçada. O seu funeral foi muito concorrido.

A família enlutada em viamos as nossas sentidas condolências e paz à sua alma.

— Após uns dias de frio voltou o calor mas com um vento norte e, por vezes, frio.

— A nasença do vinho é boa. Os batatais encontram-se bons. Os centeos também estão bons.

— C.

IDEM, 10

Devido ao esforço do nosso querido pároco, a nossa igreja já está forrada graças a Deus. Mas para vermos a nossa igreja mais deitada e forrada como está só um homem dinâmico, uma vontade férrea é que conseguiria, como o nosso padre conseguiu, umas obras de tão grande vulto. Pois se não fosse o nosso padre pedir e insistir para fazer estas obras a igreja teria caído.

Caía, sem dúvida, e não demoraria muito tempo, pois que o madeiramento antigo estava em muito mau estado. Se não fosse o nosso querido Pároco tomar a peito estas obras, fatalmente dentro de pouco tempo teria a lamentar talvez algumas mortes.

Mas não é só o madeiramento e forro da Igreja. E' também o soalho do côro

que estava bastante arruinado.

Aniversários — No dia 26 deu à luz uma criança do sexo masculino a Sr. Rosa Alves, esposa do Sr. Ermino Pereira, do lugar do Casal. Também deu à luz no dia 1 uma criança do sexo masculino a Sr. Maria Domingues esposa do Sr. José Alves, do lugar do Coto do Paço.

Falecimento — Com a bonita idade de 85 anos faleceu no dia 3 a Sr. Maria Domingues Machado.

O seu funeral foi muito concorrido. A toda a família enlutada enviamos as nossas sentidas condolências. Paz à sua alma.

Terminou o mês de Maria com a igreja sempre cheia de fiéis, que iam pedir a Nossa Senhora bálamo para as suas feridas.

Chegada — Vindo de França chegou no dia 25 à sua casa do Carrascal o Sr. Cesário Pires.

Queda desastrosa — No domingo dia 6 quando o menino José de Carvalho, filho de Oliveiros de Carvalho e Rosa Rodrigues, andava a brincar com outros rapazes caiu e fracturou um braço.

O tempo e a agricultura — O mês de Junho entrou frio e chuvoso. Nos dias sete, oito e nove choveu e ventou com um vento ciclónico que parece que tudo havia de levar na sua frente o que por enquanto não fez mal a nada, só fez mal à vinha visto que partiu muitos gomos.

Os nossos lavradores já estavam com medo de não ter águas para regar, mas graças a Deus com as últimas chuvas que tem caído já não faltam águas — C.

Agência Funerária

de José Pereira Esteves

FERREIROS — PADERNE

Urnas ao preço da fábrica em todos os tipos

Penso, 21

Carta ao Director

Da Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Lourdes Carvalho recebemos a carta que a seguir publicamos. E publica-mo-la, na integra porque ella é mais eloquente do que qualquer comentário nosso.

Reverendissimo Snr. Padre Júlio Vaz

Venho muito respeitosa-mente pedir a V. Reverendissima o favor de publicar no jornal que é muito digno director, o assunto que vou expor.

O caminho da Pigarra encontra-se em mísero estado. Há 3 anos principia ram a arranjar o caminho, tendo arranjado um bocado, mas isso não é o bastante, pois o peor troço do caminho ainda está sem arranjar.

Há tempos tive uma ca-seira, que morava mesmo no fim do caminho, e en-contravase doente duma perna, e tinha que vir fazer todos os dias curativos ao hospital. Como o caminho não estava em condições para uma doente, tinha que ser conduzida num carro de bois, e ia muito mal.

Este é o caminho mais próximo para o Rio Minho, e por onde principalmente no verão costuma passar muita gente.

No inverno as águas da calçada vão todas por ali abaixo, esburacando assim mais o caminho, pois nem régo tem.

Este é um resumo do estado do caminho, que principia por baixo da avenida e termina na Pigarra.

Peço o favor de Vossa Reverência rectificar esta reclamação, e escrever no jornal a "Voz de Melgaço".

Apresento a V. Rev.^a os meus agradecimentos, subscrivendo me com os protestos da maior estima e consideração.

De Vossa Reverência.

Melgaço, 9 de Junho de 1954.

Maria de Lourdes Carvalho

POR ROUÇAS

Com grande satisfação li as noticias da nossa "Voz", publicadas em 15 do mês pasado onde dizia o nosso Grilo que Rouças está também ao alcance de uma estrada até à Igreja.

Não, não acredto que isso seja verdade.

Tomaramos nós os caminhos em condições daqui até Fiezes para por eles podermos transportar com os carros o mato para adubo das nossas terras, e a construção de outros melhoramentos de menos despesas.

Rouças está no mapa está como diz o nosso correspondente de Rouças do número anterior, mas...

Os de Castro Laboreiro, conseguiram uma carreira diária entre Melgaço e a freguesia, os da Gave conseguiram uma participação para a reparação do cemitério, os de Cha

viões querem conseguir uma estrada etc.

E Rouças? Boa vontade de naqueles que nada podem fazer, não falta e entre nós bem falamos o que deve ser mas chega a altura fecha-mo-nos em copas e calados.

Faz-me lembrar aquella parte de um mandrião que roubou um suíno e como era surdo não ouvia o bicho a coínchar; então como só o visse com a boca aberta, voltava-se para ele e dizia-lhe "boquinha aberta mas caladinho".

Nós os lavradores que labutamos dia e noite, que pagamos as nossas contribuições ao Estado também necessitamos de um auxílio. Pois que seria do funcionalismo público e do operário se não fosse o pobre lavrador?

Rouças lá por não ser vila, uma cidade, também é terra de Portugal. — H.

LAVOURA

OS GRUPOS
MOTO-BOMBAS

da SOCIEDADE AGRICOLA

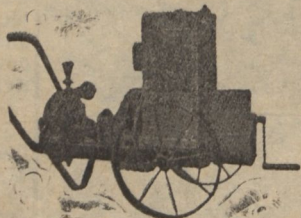
AVENIDA MAR. GOMES DA COSTA, 50 — BRAGA
DÃO ABUNDANCIA DE AGUA
Importação Directa

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA

Pedir tabelas à

Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.da

TELEFONE 2450 = BRAGA



Castro Laboreiro, 25

Continua o progresso nesta freguesia e desta vez coube aos Serviços Florestais, que já começaram um ramal de estrada que começa na casa da guarda dos mesmos Serviços, das Veigas e vai ligar à outra casa do mesmo género, que vai ser feita no lugar das Coriscadas. Portanto não só este lugar vem a beneficiar como todos aqueles lugares que ficam além deste, como seja: Felgueiras, Queimado, Adofreire, etc. Também por iniciativa dos habitantes, do meio do lugar de Várzea Travessa, conseguiram enriquecê-lo com um fontanário e brevemente com a construção do respectivo tanque-bebedouro e lavadouro o qual ficou colocado no centro do lugar, beneficiando assim a parte do fundo do lugar respectivo que fica abastecida deste precioso líquido. Bem haja este laborioso povo, que se não deixa desmornar pelo desmazelo. Que continuem sempre com coragem e iniciativa para resolver todos os problemas, que lhes surjam para o bem próprio e comum. O nosso rev. Pároco auxiliado por alguns amigos, tem quasi concluído o ajardinamento do adro da Igreja da parte sul, o qual dá um aspecto muito interessante, deixam do assim de existir aquelas ervas, pedras, etc. que não era próprio existirem ali naquele lugar sagrado, que noutros tempos serviu de cemitério da freguesia.

— Está a ser organizada pelo Sr. P.e Anibal Rodrigues, uma peregrinação a N. S.a do Sameiro a Braga, que parte daqui no dia 12 do próximo mês de Junho às 8 horas e regressa no dia seguinte à tarde. A viagem é em camionete e o seu custo é de 60\$00 ida e regresso, portanto acessível a todas as bolsas e assim não deixará esta freguesia de ter a sua representação nas grandes festas Marianas que naqueles dias se realizam naquela cidade à Virgem do Sameiro.

— Deu à luz uma robusta menina, no lugar de Cavaleiros-Rouças a esposa querida do nosso amigo e assinante António de Araújo, muito digno guarda florestal nas Veigas de Castro Laboreiro, estando previsto para o próximo dia 30 o seu baptizado, indo parafinizar o acto o nosso amigo Sr. Adelino Rodrigues e sua esposa, ambos desta freguesia.

— Encontra-se de visita a sua mãe e irmão o Sr.

Júlio Fernandes, que vive com sua família em Salamanca — Espanha, o qual já havia muitos anos que não via sua família. Que passe por cá uns dias amemos junto dos seus são os votos do C.

IDEM, 10

Forte temporal está a assolar esta freguesia, causando prejuizos importantes aos frutos e é de calcular os estragos que deve causar nos vinhedos e outros frutos do povo da ribeira. É de admirar que nesta quadra do ano, esteja a fustigar-nos tamanha invernia, ocasionando grande aumento de volume de águas do rio Laboreiro, que já parece como nos meses da quadra invernosca.

Como já disse na minha última correspondência, o povo desta freguesia não se cansa de trabalhar e pugnar pelo seu bem comum e assim os habitantes do lugar da Seára construíram dois belos tanques-fontanários e lavadouros, que vieram dar-lhe um ar de beleza, higiene e modernismo. Naquele lugar os seus habitantes vivem humildemente à custa de grande esforço do seu trabalho. Eis aqui, um grande exemplo que deviam seguir muitos lugares que eu conheço. noutras freguesias do concelho, onde a água para consumo é retirada para uso doméstico de poços completamente imundos, sem a menor higiene e com grave prejuizo para a saúde pública.

— É já no próximo sábado dia 12 que sai daqui da Sede da freguesia a excursão de penitência à Virgem do Sameiro, a qual é chefiada pelo nosso rev. Pároco.

— Foi operada no Hospital de Monção a Senhora Elvira Domingues, do lugar do Pêso, tendo a operação decorrido maravilhosamente, pelo que já se encontra em franca convalescença.

— Partiu para junto de sua família que vive em Salamanca Espanha o nosso amigo Júlio Fernandes.

— Realizaram o seu enlace matrimonial o Senhor Manuel António Rodrigues e a menina Esperança Alves, ambos do lugar da Seára, que sejam felizes são os votos do C.

Inéditos do nosso colaborador «GRILLO»

O MEU CARTÃO DE FELICITAÇÕES

Era uma vez uma menina que nasceu, quando me nos se esperava, e, por isso, foi motivo de grande alegria para um grande número de famílias, como de expectativa para outras que, durante algumas noites se viram privadas de conciliar o sono.

O caso não era para tanto, pois a menina, de princípio, dormitava a maior parte do tempo, sem importunar ninguém, e só à medida que o tempo foi decorrendo, se fez menos dorminhoca, vindo então as suas rabugices e, por fim, as suas diatribes, a ponto de dar origem a uma comissão de intelectuais reunir em sessão extraordinária para lavrar o seu repúdio contra essas diatribes.

Pobre menina! Outras mais felizes, na sua idade, vão passando alegres dias, dedicando o seu cuidado quase exclusivamente ao berçinho e confecção dos vestidinhos da sua boneca...

Esta menina, porém, aos 8 anos de idade, dotada já duma certa curiosidade, gosta de saber o que vai por toda a parte, e, quando já assim é nesta idade, o que não será, de corrido mais algum tempo?

Mas sosseguem, que um só fim terá em vista ue é o engrandecimento da sua e nossa terra.

A menina «A Voz de Melgaço», por contar mais uma primavera, envia o seu cartão de felicitações, desejando-lhe as prosperidades de que é digna o Grillo

BOU IGÊ Ó PAPÁ

Era uma vez um menino que quando bebé, nada mais sabia dizer que a frase que

aproveitamos como epígrafe para o dia de hoje. Mas era tão engraçadinho que era mesmo um encanto.

Logo que alguém, de certo modo, fixasse a vista nele, no mesmo instante o menino corria para o pai, dizendo: *bou igê ó papá*.

Corria, e de longe ainda dizia, apontando para o de liquente: *ola, ola, papá!*

O pai dirigindo o seu olhar para o local indicado pelo seu menino, ralhava com o pseudo delinquente, e o menino, filho único, ria todo satisfeito.

Foi crescendo e corrigindo a frase, mas conservando sempre a ideia de ir fazer queixa ao papá, toda a vez que alguém o contrariasse, por pouco que fosse, nunca tomando a resolução de se defender por si próprio. Triste ideia!

Foi crescendo, frequentou o liceu, atingiu a maior idade, e, com altos estudos muito embora, nunca foi capaz de se utilizar das suas filosofias em sua defesa, mesmo quando algum dos seus condiscipulos, nas suas inocentes brincadeiras, lhe dirigisse qualquer frase pouco amistosa, antes uma vez por descuido e para sua desgraça caiu na asneira de proferir a frase, então correcta "vou dizer ao papá..."

Ah! Leitores amigos!

Nesse dia, para o arreliar os seus condiscipulos como era no Verão, conseguiram apanhar um grillo que saltaram perto dele, e por acaso foi pousar-lhe numa orelha.

E querem ver?

Quando veio para férias não se esqueceu de fazer queixa ao papá, querendo que este fosse meter na ordem os estudantes que num dos recreios da Universida

de lhe tinham pregado a inocente partida.

Pobre pateta!

Grillo

Fiães, 29

Casamento - Realizou-se no dia 20 de Maio p. p., na Igreja de S. Baia, concelho dos Arcos de Valdevez, o enlace matrimonial de José de Sousa Galvão e de Isaura de Jesus Domingues, da nossa freguesia de Fiães, filha de Luís Manuel Domingues, regente escolar, e de Ermesinda Rosa de Araújo. A união foi feita pelo Rev. do Abade de Baia, Snr. P.e Vidal de Brito Galvão, tendo como ajudante o Rev. mo P.e Joaquim Ferreira dos Santos, pároco de Rio Frio. Findo este acto dirigiram-se todos os convidados para a casa do noivo onde foi servido um almoço a todos os presentes tendo tudo corrido na melhor cordealidade entre todos.

Dentre as pessoas presentes pudemos notar as seguintes:

P.e Vidal de Brito Galvão, P.e Joaquim Ferreira dos Santos, Manuel Rodrigues Galvão, D. Alzira de Brito Freitas Galvão, Mário Viana Rebola, D. Maria Fernanda de Brito Viana Rebola, etc., e umas 70 pessoas.

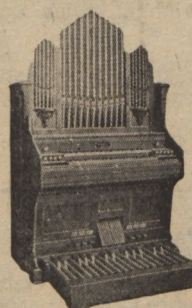
Felicitemos os noivos e desejamos-lhes mil e uma venturas

H fé e o sangue-frio e a bondade dum sacerdote

fizeram uma pessoa de bem

WASHINGTON, 4 —

Conta-se que há dias, um gatuno assaltou a residência do padre Newton G. Cosby exigindo de pistola em punho que o sacerdote lhe entregasse todo o dinheiro que possuísse. Muito calmamente, o padre Cosby propôs entregar todo o dinheiro, sob a condição de que o assaltante lhe daria alguns momentos de atenção. O ladrão aceitou, escutando um longuíssimo sermão que verdadeiramente, conquistou o seu interesse e finalmente tocado pelas palavras do sacerdote, desistiu do seu intento. O padre Cosby, porém, aconselhou-o a aceitar uma quantia correspondente ao mínimo das suas necessidades. O próprio ladrão fazendo as contas, declarou que verdadeiramente só precisava de 15 dólares e diz-se que pediu para ser confesso ali mesmo, prometendo frequentar a igreja e receber os sacramentos. — LUSITANIA.



A Fábrica de HARMÓNIUNS

de Delfim Ferreira Peixoto

a casa mais categorizada do País no fabrico de harmóniuns

convida o público em geral a visitar as suas EXPOSIÇÕES DE NOVOS MODELOS DE HARMÓNIUNS DE 1, 1 1/2, 2,3 E 4 JOGOS, o que há de mais moderno, de nova técnica, de sons maravilhosos e perfeito acabamento.

Os nossos harmóniuns são tão bons ou melhores do que os estrangeiros!

OS NOSSOS PREÇOS NÃO RECEIAM CONFRONTO Temos pessoal habilitado para todas as reparações e garantimos os serviços.

CAÇA DOS PIANOS

Mais de um quarto de século dedicado ao estudo e ao fabrico de harmóniuns

RUA DE S. MARCOS, 79-83—Telefone, 2062—BRAGA

PIANOS=MÚSICAS=RÁDIOS=DISCOS

Miscelânea

por Mário

Da nossa fauna...

A LONTRA

Este pequeno quadrúpede, da ordem dos carnívoros e da família dos mustelídeos, cientificamente, chamado *Lutra Vulgaris*, apesar de não ser raro nas margens do nosso rio Minho, é inteiramente, ou quase, desconhecido da maioria dos melgacenses. Eu, em toda a minha vida, apenas ali vi duas: uma viva e outra morta. Nos rios Tejo e Zézere, nas proximidades de Tancos, onde vivi cerca de cinco anos, porém, vi dezenas delas.

É um animal curioso, do tamanho dum gato, com pernas curtas e pés espalmados, cuja pele é muito estimada. Em terra, caminha com bastante dificuldade, mas na água — que é o seu elemento — nada com perfeição e mergulha com rapidez e facilidade.

Nunca comi, mas asseveram me aqueles que já comeram que a carne de lontra é muito saborosa, embora — dizem — com um acentuadíssimo gosto a peixe, o que não admira por quanto este constitue a sua principal alimentação. Quem achar um ninho de lontra, pode dizer que achou uma autêntica peixeira; tal é o cuidado que este daninho animal põe em provê-lo constantemente de pescado que apanha com extraordinária agilidade, escolhendo sempre dos melhores e maiores exemplares.

Os chineses conseguem domesticá-las e, com uma corda bastante longa, prendem nas à beira rio, fazendo delas, por assim dizer, autênticos «cães de pesca».

Em conformidade com o Art. 12.º e seu parágrafo 1.º do Decreto n.º 23.461, de 17 de Janeiro de 1934 (Regulamento do exercício da caça) a lontra a qual quer tempo pode ser destruída, por se tratar dum animal nocivo à pesca.

ANEDOTA

Há muitos anos que isto foi.

No Rio do Porto, à porta do sr. Indalécio, estava um pobre pacóvio. Passa o regedor e diz-lhe:

— Estás à espera que te aviem o calçado, hein?...

— Estou — respondeu o nosso homem — mas o ti' Indalécio disse-me que es-

primeiro está o regedor que é autoridade.

SONHO... OU PESADELO...?

*Ai estes sonhos malditos...
Estes pesadelos sem fim...
Vis males infinitos
Que dão cabo de mim!...*

*Ainda na noite derradeira
Vi esgotar a cevada
Do amigo Zé Pereira,
O «Barateiro» da Calçada.*

*Acordei (pois bem dormia...)
E — ó prazer fagueiro!... —
Constarei qu'inda ali havia
Cevada p'ra o mundo inteiro*

Rodericus

“TAO-TÃO,”

Naquele ano o rio Minho estava tão seco, tão seco, que até os cardumes de sáveis e lampreias que o subiam levantavam uma nuvem de pó tão espessa, tão espessa, que se podia cortar à faca.

RETRATO

*Não é poeta, mas sabe rimar;
Anda a pé, muito embora
Tenha bicicleta p'ra pedalar;
O seu nome é... não digo ora.*

CURIOSIDADES

O apelido Soares de Tangil, da nobre Casa do mesmo nome, no antigo concelho de Valadares, embora com representantes entroncados noutros ramos, em Portugal há muito que se acha extinto. Outro tanto não sucede com o ramo que passou à Galiza, pois o mesmo ainda prevalece, pelo menos, na pessoa de D. Fernando Suarez de Tangil y Angulo, actual ministro das Obras Públicas do país vizinho.

O casal mais antigo da Vila de Melgaço é o do sr. Vitorino Maria Colmeiro (Seródio) e da sra. Rita Augusta Rodrigues, porquanto se consorciaram na igreja da dita freguesia em 13 de Setembro de 1897. Deus o conserve!

EPIGRAMA

*Completa hoje oito anos.
Já tentaram amordaçá-lo,
Mas, c'o maior dos desenganos,*

*Disse: — não consinto, caros
«manos»,
Cantel, canto e cantarei de galop!*

Rodericus

Carta à Redacção da Voz de Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

prido nobre e fielmente com o seu dever.

M. I. Durães

Aproveitando a oportunidade, daqui envio ao sr. que se assina com o pseudónimo de «Grilo» os meus agradecimentos, por tão louvável e talvez oportuno conselho, na sua nobre missão de ensinar..., de quando quiser ir à missa à Misericórdia, dar a volta pela avenida. Meu Deus, mas é tão longe... É uma volta muito grande principalmente para as pessoas de idade avançada; quando chegam à missa já vão cansados; no entanto irão mais depressa para junto do Céu... para os novos ainda vá lá.

Vem isto a propósito de eu ter recordações da rua que o sr. Grilo refere, mas recordações trágicas: trágicas sim senhor; pois ainda não há muitos meses que fui imprevidente e por ali passei, de noite, e, como ainda não tinha o conselho do sr. Grilo de ir à roda, nem tampouco me recordava da canção de Maria Amélia Canossa, (artista da Rádio) que diz assim no seu estribilho:

Vai de roda... vai de roda... etc., e assim pus o pé sobre uma das milhares de pedras soltas e caf. Ainda quando os tempos mudam, me lembro dessa rua com as dores num pé e ainda para maior aborrecimento surgiu um cheiro nauseabundo que não sei donde vinha... como era noute...

Peço desculpa desta referência.

M. I. Durães

PARADOXO

É sobejadamente sabido e ressabido que a construção da nova escola de S. Paio foi adjudicada, há cerca de um ano, a um tal Temporão; pois aqueles trabalhos estão tão... seródios que ao certo inda se não sabe quando terão seu fim.

FECHO

Para que dos teus produtos faças boa massa, preciso é que a colheita seja escassa.

Chaviães, 25

Prevenção — Alguns moradores da vizinha freguesia de Paços invadem com os seus gados as coutadas ou montes particulares desta freguesia chegando quasi até ao quartel da G. F. do Porto Viso. Isto não está bem e os senhores proprietários das referidas coutadas estão a formar uma comissão para reprimir este grande abuso. Isto vai à laia de prevenir porque é melhor que remediar. Se algum transgressor for parar ao tribunal, não se queixe porque a propriedade particular há que respeitá-la.

Outra prevenção — Está chegada a época de limpeza de regos e poças e represas para rega dos nossos campos no verão. Todos temos obrigação de ajudar, em todos que sejamos herdeiros e é bom que não aconteça como até aqui nos anos anteriores, pois neste capítulo, os abusos são numerosos. É crime grave na lei da terra e pecado mortal na lei de Deus aproveitarse do suor alheio. Toda a pessoa que é herdeira a uma de terminada água é obrigada a concorrer para a limpeza dos respectivos regos ou poças, caso contrário come o suor do seu vizinho.

Ólhai, meus caros amigos, digovos com franqueza: a freguesia de Chaviães sofre muito da moléstia aqui apontada, e se esta freguesia é pobre somos nós os culpados.

Tanto ninguém deve faltar.

Mês de Maio, Mês de Maria — Está se realizando de uma forma deveras admirável nesta freguesia esta santíssima devoção à Santíssima Mãe de Deus. O nosso Rev. mo Pároco tem feito brilhantes e utilíssimas práticas, explicando os grandes milagres que se tem operado em Fátima pela interveção da gloriosa Virgem Maria, Mãe de Deus, e que o público em geral sabe aproveitar A concorrência dos fiéis é muitíssima, graças a Deus.

Aniversários — Completa mais uma risonha primavera no próximo dia 12 de Junho a menina Isaura Ma-

ria de Araújo filha querida do sr. Manuel de Araújo e de sua dedicada esposa, natural desta freguesia, e residentes em Rouças no lugar de Oleiros. Esta data vai ser muito felicitada.

Também no passado dia 24 completou mais uma risonha primavera o jovem Orlando José Alves,

Nascimento — Está enriquecido o lar do nosso grande amigo sr. Joaquim Alves e sua querida esposa sra. D. Maria Cândida R. Cunha Alves, com o nascimento há dias de um robusto menino. Mãe e filho seguem de óptima saúde.

Aos mesmos, as pessoas amigas desejam-lhes muitas felicidades. — C.

Portugal inteiro ou de cabeça cortada?

(Continuação da 1.ª página)

de Vidago e das P. Salgadas? Será que a empresa recebe concorrência?

Porque nas mais humildes tabernas de Lisboa (repare-se humildes) se vendem águas minerais como Vidago, P. Salgada, Cruzeiro, Carvalhos, água de S.ta Helena, esta dos Açores, e água de Melgaço nem em algumas casas da especialidade? Não ser virão elas para engarratar ou serão as outras mais importantes?

Haverá na empresa exploradora homens de Melgaço? Se os há, não parece uma vez que a exportação ou pelo menos a propaganda se não faz igual. Se os não há, é pena.....

Haveria mais a reparar se o espaço de «A Voz», não fosse tão limitado.

Assim, caro «Grilo» se tivesse a paciência de me leres aceita cá de longe um abraço do

MELGA

P. S. — Agradeço a quem me queira esclarecer os reparos e perguntas feitas.

M.
Lisboa, Maio de 1954.

Fábrica de Moagem em Ferreiros

PADERNE

DE — José Pereira Esteves

Compra milho a 2\$423 o quilo

» centeio a 2\$70 o quilo

Vende Farinha de milho a 2\$75 o quilo

» » de centeio a 3\$00 o quilo

Maquia: 10% nas trocas por moagem